



A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hincley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Marion D. Hanks
Robert D. Hales
Dean L. Larsen
Richard G. Scott

EDITOR

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DA «A LIAHONA»

José B. Puerta,
Editor Responsável;
Maria Antônia Brown,
Redatora;
Moacir S. Lopes,
Supervisor Layout



A Liahona

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência: O PREPARO DE UMA CRIANÇA, Presidente Spencer W. Kimball
- 7 100 ANOS DE PRIMÁRIA, Susan Oman e Carol Madsen
- 14 ALICERCES PARA O FUTURO
- 33 QUE MANHÃ MARAVILHOSA!, Jeane W. Chipman
- 38 BRIGHAN YOUNG, Eugene England
- 44 O CRESCIMENTO MUNDIAL DA IGREJA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO
- 48 O DESPERTAR PARA A VIDA

SEÇÃO DAS CRIANÇAS

- 20 A AMIGA DAS CRIANÇAS
- 24 O CLUBE DO BOM VIZINHO, Mary S. Divers
- 27 BATISMO É UM ASSUNTO DE FAMÍLIA, Alice Stratton
- 19 A FÉ QUE EXISTE NA CIDADE DO CABO, ÁFRICA DO SUL
- 30 APENAS PARA DIVERTIR

NOTÍCIAS LOCAIS

- 17 Essa é a Sua Recomendação para o Templo: Você Apóia as Autoridades?
- 18 Todo Homem Digno e Fiel Pode Agora Receber o Sacerdócio
- 31 Quatro Novos Chamados para o Primeiro Quorum dos Setenta

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebu, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

MENSAGEM DA
PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

O PREPARO DE UMA CRIANÇA

Presidente Spencer W. Kimball



Neste ano, comemoramos o centenário da organização da Primária, ocasião em que atentamos para a necessidade que as crianças do mundo inteiro têm dessa Organização. Elas devem aprender, desde pequenas, a viver os princípios do evangelho e a desenvolverem o testemunho de que Jesus é o Salvador, o Filho de nosso Pai Celestial. Existiria um meio melhor de se ensinar essas crianças, além de nós mesmos seguirmos o exemplo do Salvador? Ele as amou; tomou-as em seus braços e as abençoou. As crianças de hoje precisam ser ensinadas como Jesus ensinou — com amor, compreensão, solidariedade e paciência. Nenhum esforço é grande demais; nenhum labor mais digno.

Devemos fazer com que as bênçãos da Primária atinjam a vida de cada criança.

No princípio, criou o Senhor macho e fêmea, instruindo-os, então, a se multiplicarem e encherem a terra. Ele falou também sobre o dever de cuidar das crianças e de lhes ensinar a retidão.

Nosso Pai Celestial colocou a responsabilidade sobre os pais. Eles devem tomar providências para que seus filhos sejam bem alimentados, bem agasalhados, bem educados e bem ensinados. A maioria dos pais protege seus filhos — dão-lhes abrigo, são atentos e cuidam de suas moléstias, providenciam roupas para sua segurança e conforto, fornecem

alimento para sua saúde e crescimento. Mas, o que fazem eles por suas almas?

Num dia frio de inverno, a maioria das crianças vai à escola envergando roupas quentes. O solado de seus sapatos é espesso, e ainda calçam botas sobre eles. Vestem-se com pesados casacos, cachecóis e luvas — tudo para protegê-las da inclemência do tempo. Mas será que essas mesmas crianças estão protegidas contra as ideologias errôneas, as idéias de outros jovens, e as tentações de cada dia?

O mergulhador veste-se de pesado macacão de borracha, a fim de proteger seu corpo do frio; será que as crianças estão sendo protegidas mediante a oração, a unidade familiar e o treinamento espiritual, para escurar-se do frio espiritual, das trevas do mundo, nas quais comem, bebem, dormem e brincam?

Quem trabalha a céu aberto, protege-se das intempéries com roupa-gem apropriada; mas com que frequência são as crianças protegidas de maneira completa, por uma vida familiar de devoção, amor e respeito, compreensão, disciplina e preparação adequadas?

Quando as crianças partem para a escola, ou vão brincar com os amiguinhos, os pais não podem estar totalmente certos daquilo que estarão aprendendo. Mas, se os pais, em casa, despenderem algum tempo, todas as noites, a fim de explicar o programa do evangelho a seus filhos, isso substituirá as coisas negativas com as quais se encontraram durante o dia.

O Senhor sabia que tal ocorreria — eis por que nos revelou que deve-

mos realizar a noite familiar, a cada segunda-feira, ou em noites adicionais, se assim o desejarmos. Fico imaginando como seria este mundo, se cada casal reunisse seus filhos à sua volta, pelo menos cada segunda-feira à noite, e lhes explicasse o evangelho, prestando-lhes seus fervorosos testemunhos. Como diminuiria a imoralidade, a infidelidade que destrói lares, e a delinquência! Seriam também reduzidíssimos os casos de divórcio, e muitas varas de família seriam extintas nas cortes.

“Não permitireis que vossos filhos andem famintos, ou desnudos, nem que transgridam as leis de Deus, e briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo, que é o mestre do pecado



ou o espírito mau de quem nossos pais falaram, o inimigo de toda justiça.

Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros. (Mosiah 4: 14-15.)

Os pais podem fazer com que seus filhos respeitem os direitos e propriedades alheias, dando-lhes exemplo e preceitos. Os pais que exigem que seus filhos peçam desculpas, e devolvam — talvez em dobro ou em triplo — aquilo que tomaram, quebraram, ou destruíram — farão de seus filhos cidadãos honrados, que lhes trarão mais tarde honra e glória. Os pais que respeitam a lei e a ordem, observam todas as regras, poderão, pelo exemplo, e pela expressão de aprovação ou desaprovação, disciplinar e proteger seus filhos contra a desordem e a revolta. O disciplinamento interior substituirá aos poucos o exterior, à medida que estes últimos se tornam habituais e eficazes. Obedecer aos próprios bons princípios, é muito mais vital e gratificante que a obediência aos outros.

Freqüentemente encontramos homens capazes de governar um mundo, e que não conseguem dirigir seus próprios lares, ou as mentes irrequieta, e ainda, não são capazes de controlar suas próprias paixões. Não será possível que a chocante irreverência de muitos da geração que hoje se desenvolve seja calcada na irreverência dos pais? Pode-se esperar que os filhos sejam espirituais, religiosos, e reverentes, se seus pais não exibem os mesmos interesses?

Quando os pais lêem as revistas e jornais e vêem o que o mundo tenta

ensinar a seus filhos, devem determinar-se a fazer com que seus filhos não sejam prejudicados por semelhantes pecados e erros. Os pais devem, então, proporcionar a vida familiar, a disciplina, e a preparação que irão substituir e neutralizar o mal que está sendo feito no mundo. Enquanto as crianças aprenderem as coisas feias do mundo, deverão também ser instruídas sobre as coisas boas que ele possui, e sobre as reações e comportamento adequados. Se os pais compreenderem que muitas crianças não recebem a oportunidade de ter orações familiares, atitudes espirituais e preparação adequada em sua vida, tais pais deverão redobrar suas energias e esforços, para que seus próprios filhos recebam um treinamento sadio e bom.

O profeta Léhi, grandemente preocupado acerca do destino de sua posteridade, disse: “Mas eis que eu, meus filhos e minhas filhas, não posso ir para a sepultura sem vos dar uma bênção; porque sei que, se fordes criados no caminho que deveis seguir, não vos afastareis dele.” (2 Néfi 4:5.) Léhi foi mais além, e disse: “Portanto, se fordes amaldiçoados, eis que eu deixo a minha bênção sobre vós, para que a maldição seja tirada de vós e seja posta sobre as cabeças de vossos pais.” (2 Néfi 4:6). Estaremos nós, pais, preparados para assumir as maldições e a responsabilidade por aquilo que nossos filhos deixaram de fazer?

O Livro de Mórmon principia com as seguintes palavras: “Eu, Néfi, tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai; e tendo padecido muito no cor-

rer de minha vida, fui, não obstante, altamente favorecido pelo Senhor; sim, havendo adquirido um grande conhecimento da bondade e dos mistérios de Deus, faço, portanto, um registro de meus atos durante minha vida.” (1 Néfi 1:1). Todos os seus dias, Néfi esteve sob a tutela de seus pais e recebeu um bom tratamento deles.

Chama-nos a atenção o fato de Enos, que escreveu uma pequena parte do Livro de Mórmon, haver dito: “E eis que eu, Enos, sei que meu pai foi um varão justo, pois me instruiu em seu idioma e também no saber e na advertência do Senhor... e bendito seja o nome de meu Deus por isso...” (Enos 1). Enos possuía, sem dúvida, seus próprios problemas, mas prosseguiu, resolveu-os, dando o crédito a seu pai, pelo bom treinamento que havia recebido.

Por outro lado, as escrituras condenam os pais e mães que fracassam em seus deveres. Eli, o sumo sacerdote, foi responsabilizado por sérios pecados cometidos por seus filhos. O Senhor sussurrou, através de Samuel: “...suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado contra a sua casa...”

...porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu.” (1 Samuel 3: 12-13.)

Nos dias atuais, disse o Senhor: “Agora, Eu, o Senhor não estou bem satisfeito com os habitantes de Sião, pois entre eles existem ociosos; e seus filhos estão também crescendo em iniquidade...” (D&C 68:31.) Não criamos filhos apenas para satisfazer nossa vaidade. Trazemos filhos ao mundo para que se tornem

reis e rainhas, sacerdotes e sacerdotisas para nosso Senhor.

A Frederick G. Williams, o Senhor disse: “...tu tens continuado sob esta condenação;

Não tens ensinado luz e verdade aos teus filhos... e aquele ser perverso tem ainda poder sobre ti, e esta é a causa da tua aflição...”

... — se queres livrar-te... deverás pôr em ordem a tua própria casa, pois há muitas coisas que não estão certas na tua casa.” (D&C 93: 41-43.)

Voltando-se para Sidney Rigdon, o Senhor o responsabilizou: “Na verdade, digo ao meu servo Sidney Rigdon, que em algumas coisas ele não tem guardado os mandamentos concernentes aos seus filhos; portanto, que primeiro ponha em ordem a sua casa.” (D&C 93:44.)

E então o Senhor disse: “O que digo a um digo a todos; orai sempre para que o ser perverso não tenha poder sobre vós e não vos remova do vosso lugar.” (D&C 93. 49.)

Que triste seria se o Senhor responsabilizasse qualquer um de nós, pais, por havermos fracassado ao ensinar nossos filhos. Na verdade, é tremenda a responsabilidade que recai sobre um casal, ao trazerem filhos ao mundo. Não se requer apenas alimento, roupas, e abrigo, mas dos pais é requerido amor, disciplina terna, ensino e treinamento.

É claro que existem algumas almas desobedientes, a despeito do treinamento e dos ensinamentos, mas a grande maioria dos filhos reage adequadamente à orientação dos pais. Diz-nos a escritura: “Instruí ao me-

nino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele.” (Prov. 22:6.) E, caso se desvie, provavelmente retornará, se tiver sido ensinado de maneira correta.

Tivessem os pais e mães em Israel cumprido plenamente sua obrigação para com seus filhos, será que as florestas palestinas seriam banidas, e os montes desnudados? Teria sido quebrantada a soberba de sua força, os céus feitos como de ferro, e a terra como de cobre? A fome teria assolado a terra? As mães devorariam seus próprios filhos? Teria o povo sido escravizado novamente? (V. Levítico 26: 16, 19, 26, 29, 38.)

Se cada pai em Babilônia, auxiliado pela mãe, tivesse ensinado e preparado os pequeninos na nutrição e admoestação do Senhor, será que a grande cidade teria sido coberta de areia, e sua corrupção sepultada na terra, suas fontes extintas, e coberto o cume dos templos? Teriam a orgia e a embriaguez adormecido sua consciência do perigo? Secar-se-iam as palmas e ciprestes, e as terras ficariam secas e desoladas? Tornar-se-ia Babilônia um ditado e zombaria, e seriam o lobo e o chacal, a coruja e as criaturas agourentas seus habitantes, e os pastores e os Árabes evitariam tal lugar assombrado? (V. Isaías 13: 20-21; Jeremias 50:39; Sofonias 2: 13-15.)

Se cada pai na antiga Roma tivesse ensinado retidão em vez de guerra aos filhos, e se cada mãe tivesse feito de sua casa um verdadeiro lar; se os pais tivessem reunido seus filhos em suas próprias casas, em vez de nos circos e banhos públicos; se tivessem ensinado a castidade, honra,

integridade e pureza — não seria Roma ainda hoje um poder no mundo? Certamente não foram os povos bárbaros vindos do norte, mas sim o insidioso roedor moral interno que destruiu o antigo Império Romano.

Se os pais de todo o mundo, desde Adão até agora, tivessem levado a efeito o ensino familiar, as noites familiares, a união da família, e a doce vida doméstica, conforme o Senhor ordenou, com certeza não teria havido um dilúvio, uma Torre de Babel, uma Sodoma e uma Gomorra! Teriam sido aradas as ruas de Samaria, ou destruídas as muralhas de Jerusalém?

Em nossa dispensação, o Senhor reiterou seu mandamento básico



àqueles que trazem filhos ao mundo, quando disse: “E novamente, se em São... houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem... sobre a cabeça dos pais seja o pecado. (Isto é terrível!)

Pois isto será lei para os habitantes de São...

E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.” (D&C 68: 25-26, 28.)

Há duas maneiras de se espalhar a luz — ser a candeia ou o espelho que a reflete. Os pais podem ser ambos. Uma criança levará para sua própria vida muito do que vê em sua vida familiar, em casa. Se ela vir os pais indo ao templo com frequência, começará a planejar uma vida edificada no templo. Se for ensinada a orar pelos missionários, sua mente e coração estarão voltados para o programa missionário, e se for um menino, planejará desde a infância, economizará, e preparar-se-á para seu chamado missionário.

A vida doméstica, o ensino familiar, a orientação dos pais, o pai à testa — são esses os remédios para as doenças do mundo, a cura para as moléstias espirituais e emocionais, a solução dos problemas. Os pais, portanto, não devem deixar que seus filhos sejam totalmente ensinados pe-

los professores nas escolas, ou na Primária, ou na Sociedade de Socorro, ou na Escola Dominical, ou na Mutual. O pai e a mãe devem assumir esta grande responsabilidade, utilizando-se dos programas da Igreja para auxiliá-los. Aqui repousa o sucesso que o Senhor deseja que seja conseguido na noite familiar que ele estabeleceu.

Deus é nosso Pai. Ele nos ama. Despende muitas energias tentando preparar-nos, e devemos seguir seu exemplo, amando intensamente nossos próprios filhos, e criando-os em retidão. Os pais que deixam seus filhos fazerem o que bem entendem fracassarão, e, portanto, devemos planejar e organizar nossa vida em família, para trazer nossos filhos à condição de verdadeiros seguidores do Senhor Jesus Cristo.

A Primária tem a responsabilidade de auxiliar a ensinar o evangelho às crianças da Igreja. Nessa designação, a Primária complementa a instrução e o treinamento que as crianças recebem de seus pais. O objetivo da Primária é fortalecer as crianças na vida reta, e ajudá-las a tomar decisões corretas pela vida, começando desde tenra idade. Temos de ser enérgicos e devotados ao apoiar os esforços dos pais para edificar testemunho e fé em suas crianças.

100 Anos de Primária

Susan Oman e Carol Madsen

Elas aguardavam um trem quando aconteceu. “Elas” eram um grupo de oficiais da Sociedade de Socorro de Farmington, Utah, e algumas oficiais visitantes de Salt Lake City, entre elas Eliza R. Snow. E “o quê” aconteceu, foi uma conversa que plantou as sementes da Primária, em 1878.

Aurélia Spencer Rogers era a encarregada do grupo que esperava, e os poucos momentos de espera deram-lhe a oportunidade de expressar algumas de suas preocupações. Muitos dos meninos da vizinhança ficavam fora de casa até altas horas da noite, e “certamente alguns dos maiores bem mereciam o indesejável nome de arruaceiros”.

Cinco dos doze filhos da irmã Rogers morreram ainda na infância, e sua preocupação por ensinar os princípios do evangelho aos outros sete, transformou-se em preocupação por qualquer criança que ela visse crescendo sem um firme alicerce nos princípios do evangelho.

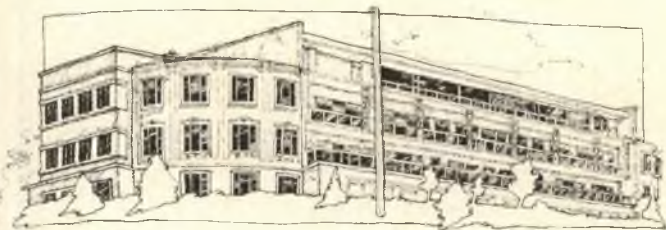
Mas ela fez mais do que simplesmente preocupar-se. Nos últimos meses, havia pensado sobre a proposta que agora fazia perante a irmã Snow. “Não poderia haver uma organização para os meninos, na qual eles pudessem receber ensinamentos sobre tudo o que é bom, e aprendessem a se comportar?”

A irmã Snow ficou interessada. Como oficial presidente da Sociedade de Socorro, e da Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças, ela concordou em debater o assunto com o Presidente John Taylor.

Eliza escreveu mais tarde ao bispo de Aurélia, John W. Hess, que já havia convocado anteriormente uma reunião de



Aurélia Spencer Rogers





Louie Bouton Felt
(1880-1925)



mães e as havia instruído quanto à educação dos filhos. Como resultado, ele solicitou a Aurélia que presidisse uma organização de crianças em Farmington. Ela começou a vislumbrar o que aconteceria com a Associação de Melhoramentos Mútuos da Primária — denominação logo encurtada para Associação Primária — e compreendeu que, enquanto os meninos pudessem precisar da Primária, os cânticos “necessitavam das vozes das meninas também para que o som fosse aquilo que deveria ser”.

Poderiam incluir as meninas? Uma carta da irmã Snow deu-lhe a certeza: “O espírito e conteúdo de sua carta agradaram-me muito. Estou certa de que a inspiração dos céus está dirigindo a irmã, e de que um grande e muito importante movimento está sendo inaugurado para o futuro de São... o Presidente John Taylor aprova isso inteiramente.”

Planejou-se a primeira reunião para o dia 25 de agosto de 1878. Segundo sugestão do bispo Hess, a irmã Rogers e suas conselheiras recém-indicadas visitaram cada família da ala, e recolheram os nomes de 115 meninos e 100 meninas. Todos foram convidados, e muitos vieram, apesar de nem todos chegarem na hora certa. Esta desordem, e o que a irmã Rogers chamou de “obstáculos imprevisíveis”, fizeram com que a reunião “não fosse um grande sucesso”. Esta é uma revigorante informação histórica para qualquer um que tenha tido uma experiência “pela primeira vez”. Mas, desde o princípio, os propósitos da organização estavam claramente delineados, e a irmã Rogers ensinava o comportamento adequado às crianças, tanto dentro como fora da Primária.

A idéia de uma organização como a Primária vinha atender uma necessidade negligenciada. Sob a direção de Eliza R. Snow, Primárias foram organizadas em muitas comunidades, várias na condição de projetos da Sociedade de Socorro. A irmã Snow, já com mais de setenta anos, era infatigável, e viajava todo o território para mostrar às crianças seu daguerreótipo de bolso, (primitivo aparelho de fotografia inventado por Daguerre) com a gravura de Joseph Smith, o profeta que elas nunca haviam visto, ou então para mostrar-lhes o seu relógio. Contava-lhes histórias emocionantes de crianças em Nauvoo e Kirtland, e dava-lhes uma idéia clara de suas próprias missões assegurando-lhes que “seus espíritos eram brilhantes e haviam sido reservados para nascerem neste dia, por um sábio propósito”.

Para uma trabalhadora atual da Primária, tais reuniões poderão parecer miniaturas de reuniões sacramentais. As crianças reuniam-se em grupos de cinquenta, sessenta, e às vezes mais de cem, em uma única sala, na escola ou na igreja. As idades variavam de quatro a quatorze anos. (Os meninos de 12 anos foram transferidos para a AMM rapazes em 1913, e as meninas de doze anos, para a AMM Moças por volta de 1920). Normalmente os únicos adultos presentes eram a presidente da Primária e suas conselheiras. As

vezes, mesmo a secretária tesoureira era uma das crianças. Não havia professoras, livros de lições, instruções em classes. A maior parte do tempo, as crianças apresentavam diálogos, recitações, e canções, usando quaisquer livros então disponíveis.

Eliza R. Snow, aprovando a atividade, mas preocupada com os conceitos do evangelho que poderiam estar sendo negligenciados, preparou uma série de livros, no início da década de 1880, incluindo hinos e músicas, diálogos, recitações, e um catecismo de perguntas e respostas extraídas da Bíblia.

Após dois anos de experiência e expansão, Eliza R. Snow pareceu sentir que a nova e pequenina organização precisava de liderança própria, e chamou Louie Bouton Felt, que completara trinta anos havia um mês, para tornar-se sua primeira Presidente Geral. Presidente da segunda Primária organizada, da ala onze de Salt Lake City, Louie não podia ter filhos. De fato, até que LaVern Watts Parmley fosse apoiada como presidente em 1951, nenhuma presidente geral da Primária havia sido mãe. Todavia, esse fato não parece ter sido um problema para elas, e certamente não o foi para Louie. Uma colaboradora opinou que “sua influência sobre (as crianças) era maravilhosa”, e elas queriam fazer qualquer coisa “para conseguir a aprovação... da irmã Felt.”

Essa influência se irradiou por toda a Primária nos quarenta e cinco anos que se seguiram — e mais até, pois quem a sucedeu, May Anderson, havia sido sua amiga desde a infância. O irmão Felt, preocupado com a saúde de Louie, havia pedido que ela ficasse em companhia de sua esposa, enquanto viajava a negócios; ela permaneceu por mais de três décadas, como companheira devotada e membro dedicado, operoso e inteligente da Junta Geral da Primária.

As irmãs Felt e Anderson sentiram ser seu dever principal visitar as diversas Primárias para incentivar o trabalho — um dever que exigiu viagens por muitas semanas durante o ano. A correspondência naqueles dias era entregue em mãos.

Em 1895, as duas amigas fizeram um curso na Universidade de Utah, sobre uma importação recente da Europa, o jardim da infância. Elas estabeleceram um jardim da infância particular e uma creche no porão da capela da ala onze, e começaram a procurar meios de aplicar este novo tipo de educação centralizado na criança à Primária.

A primeira mudança foi dividir as crianças por grupos etários. A junta então deu o passo seguinte, que logicamente foi preparar lições para cada nível — mas viram-se em apuros no momento de publicá-las. A Igreja não poderia oferecer auxílio financeiro, e os livreiros e editores vacilavam. Mas em 1901, receberam permissão para tentar publicar as lições em uma revista, o “The Children’s Friend” (revista publicada até 1970, quando passou a chamar-se “The Friend”, a partir



May Anderson
(1925-1939)



May Green Hinckley
(1940-1943)

de 1971). A irmã Felt empenhou sua casa como garantia, e os primeiros números saíram com seu endereço — a Primária ainda não tinha escritórios.

A este sucesso seguiu-se outro. Caminhando pela rua, Louie e May ficaram abismadas ao verem um menino de muletas que não conseguia desvencilhar-se do tráfego. Como poderiam elas atender às necessidades de saúde das crianças? O começo foi uma ala de crianças patrocinada pela Primária no hospital SUD de Greves, em 1911. Partiram depois para os estados do leste americano, para observar hospitais de convalescença, e descobriram que a enfermagem profissional em atmosfera semelhante à doméstica para as crianças era um campo novo. Assim, em 1922, a velha casa Hyde da rua North Temple, tornou-se a creche e lar de convalescença das crianças SUD. Naquele mesmo ano, as crianças começaram a doar um centavo de dólar por ano por ocasião de seu aniversário, acumulando recursos para o hospital e também arrecadando fundos para ele, mediante projetos especiais.

A década de 1920 viu as Primárias expandindo suas raízes para fora dos Estados Unidos. Primárias foram estabelecidas na Nova Zelândia e no México desde 1880, e no Havaí e Canadá, durante a década de 1890. Mas a primeira Primária na Inglaterra só surgiu em 1916, e floresceram como Primárias do Lar e da Vizinhança na década seguinte.

Em 1930, a Primária fez um esforço determinado para estabelecer Primárias do lar nas missões, e em dois anos já se havia expandido até a Suécia, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Suíça, Escócia e América do Sul.

A internacionalização da Primária ocorreu sob a direção de May Anderson, chamada em meio à década de 1920 para ocupar o lugar de há muito preenchido por sua amada amiga, Louie B. Felt. Ela já havia servido durante trinta e cinco anos na junta geral. Seu tempo de serviço como presidente durou quatorze anos e onze meses.

May Anderson tinha um espírito diferente da gentil Louie. "Seu primeiro pensamento estava sempre no bem-estar das crianças da Igreja", recorda-se uma trabalhadora da junta geral, em afetuoso entusiasmo. Não lhe incomodava saber se seu plano era inconveniente para as professoras ou difícil para os pais." Esses planos de longo alcance incluíam os preparativos imediatos para um novo hospital e a preparação de livros de lições para cada nível de idade.

A irmã Anderson foi desobrigada depois de servir na Primária durante quase toda a vida, em 11 de setembro de 1939.

Sua sucessora, May Green Hinckley, aprendeu a desenvolver seus próprios recursos, como imigrante inglesa, órfã com a morte da mãe. Sem muita oportunidade de estudar, ela criou a maior parte de suas oportunidades e trabalhou como primeira gerente de um escritório comercial na clínica

de Salt Lake, cumpriu duas missões de tempo integral, e presidiu a AMM Moças da Estaca de Granite durante doze anos, instituindo um programa do mérito que se tornou mais tarde o programa das Ceifeiras para as moças da Igreja. O casamento com Bryant S. Hinckley foi tardio e ela nunca teve seus filhos, embora tenha servido de mãe aos filhos do primeiro casamento do marido, incluindo-se um filho chamado Gordon B. Hinckley (atual membro do Conselho dos Doze Apóstolos).

No entanto, ela sentia profundamente a falta de experiência como mãe, e quando foi chamada como presidente da Primária, ficou totalmente surpresa e muito relutante em aceitar. Seu marido havia visto sua notável capacidade de liderança, quando ela o acompanhou como presidente da Missão dos Estados do Norte dos Estados Unidos, e a persuadiu a aceitar.

Sua vida terrena terminaria em mais três anos e meio, mas ela os devotou às 100.000 crianças da Primária. Por causa de sua experiência missionária, ela sabia o potencial da Primária nas missões.

A Primária, em alguns aspectos, estabeleceu sua identidade sob a direção da irmã Hinckley. Foi adotado um selo oficial, que descrevia a fé e o serviço. As cores da Primária: vermelho para a bravura, amarelo para o serviço, e azul para a verdade e a pureza foram também escolhidas nessa época. As professoras começaram a ler designações escriturísticas mensais, e um tema articulou a missão da Primária: "E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor". (D&C 68:28.)

Devotada amiga e primeira conselheira da irmã Hinckley, Adele Cannon Howells dirigiu a Primária em seu generoso gesto de coletar e despachar 3.451 caixas de papelão contendo brinquedos e roupas para os membros da Igreja na Europa, após a segunda guerra mundial. Como sua amiga, também não tinha filhos. Também como sua amiga, não tinha experiência anterior no trabalho com a Primária, mas havia sido conselheira da irmã May por vários anos na presidência da AMM-Moças da estaca de Granite, e quando May precisou dela, deixou sua casa em Los Angeles, Califórnia, para juntar-se a ela.

Era viúva, e havia viajado muito com seu marido, e via na Primária um canal para a expansão da criatividade das crianças.

Provavelmente o evento mais significativo da administração da irmã Howells foi o progresso obtido no estabelecimento do novo Hospital das Crianças da Primária. O velho hospital havia servido a 5 907 crianças em seus trinta anos, mas já estava inadequado, e um pequeno incêndio em 1938, tornou-o ainda mais inadequado, exigindo a construção de um novo. Os projetos arquitetônicos foram feitos quase que ime-



Adele Cannon Howells
(1943-1951)





LaVern Watts Parmley
(1951-1974)

diatamente, e o terreno foi comprado — mas então surgiram os problemas financeiros.

Ao celebrar-se o octogésimo segundo aniversário do Presidente Heber J. Grant, os líderes da comunidade ofereceram-lhe um baúzinho de cobre contendo mil dólares de prata.

Isto aconteceu em 1938, durante a presidência da irmã May Anderson. Ele as deu à Primária, sugerindo que cada moeda de prata fosse vendida por trezentos dólares — e haveria dinheiro suficiente para se construir o novo hospital. Veio a segunda guerra mundial, e a doença do presidente Grant, tendo ambas atrasado o projeto, até que a irmã Howells resolveu dedicar suas energias a ele. As últimas moedas foram vendidas por cem dólares como pesos de papel. Sua generosidade propiciou a arrecadação de cento e vinte mil dólares para o fundo. Ela envolveu as crianças, convidando-as a comprar um tijolo para o hospital por dez centavos de dólar. Sua animada reação fez com que quase vinte mil dólares a mais fossem arrecadados. (Durante uma visita ao hospital após haver sido completado, um menininho puxou a barra da saia da guia: “Senhora, pode dizer-me qual é o meu tijolo?”)

A irmã Howells faleceu em abril de 1951.

A irmã Parmley, trabalhadora de há muitos anos na Primária, mãe de três filhos e experimentada professora de escola, tinha sido chamada para trabalhar na junta geral pela irmã Hinckley, duas presidências antes. Posteriormente, ela serviu como segunda conselheira da irmã Hinckley, e como primeira conselheira da irmã Howells, deixando esse cargo para presidir a organização. Administradora hábil, a irmã Parmley reorganizou a presidência, de modo que cada oficial de estaca, ala e geral supervisionasse as mesmas áreas do programa. Guardou para si o Programa dos Luzeiros. O programa dos meninos sempre foi sua “especialidade” — sendo assim, a introdução dos escoteiros e lobinhos em 1953 deve ter parecido lógica, senão inevitável. Mas a irmã Parmley sentia-se assoberbada.

Quatro anos de escotismo, mais a direção do hospital, a publicação da revista “The Children’s Friend”, e a supervisão do resto do programa, parecia ser como “tentar subir um muro de pedra”, protestava ela. Gentilmente, o Presidente David O. McKay aconselhou-a: “O muro pode parecer intransponível, mas não podemos ficar lá atrás, dizendo que é inútil tentar. Podemos aproximar-nos do muro... e pode ser que haja uma escada escondida que não vimos, ou pode ser que haja uma porta para atravessarmos.” A integração do escotismo e da Primária foi feita de maneira eficiente.

Por volta de 1964, o Hospital das Crianças da Primária precisava de uma nova ala, que foi construída durante o período da administração da irmã Parmley.

A junta geral da Primária sempre orou em favor das crianças hospitalizadas, mas, ocasionalmente, a irmã Parmley



exigia mais. Um menininho havia sido enviado de Hong-Kong para uma operação, a fim de corrigir um defeito congênito nos pés. As complicações faziam parecer que um dos pés precisaria ser amputado. Sabendo que a família havia enviado o garoto com a certeza de que voltaria curado, a irmã Parmley disse: "Temos que devolvê-lo com os seus dois pés", e pediu que a decisão (sobre amputar ou não) fosse adiada. Após o jejum e as orações dos membros da junta, os médicos registraram melhora no pé do garoto, e ele voltou curado para casa.

Nesse meio tempo, a Primária manteve-se no mesmo ritmo acelerado que caracterizou o crescimento da igreja em outros continentes. A irmã Parmley visitou as Primárias em todos os países com uma estaca ou missão, incluindo-se Singapura, África do Sul e Tonga, encontrando, com freqüência, crianças que haviam sido tratadas no hospital.

Durante a administração da irmã Parmley, a Primária passou a ser ainda mais eficiente, unindo-se aos programas de correlação e reorganização, instituídos pelo Presidente Harold B. Lee. Comitês especializados trabalharam para que as aulas da Escola Dominical Júnior e da Primária reforçassem umas às outras, e ensinassem os princípios completos do evangelho. Numa alteração mundial objetivando separar-se de seus hospitais, a Igreja deixou o controle do Hospital das Crianças da Primária.

Consciente das pressões sobre as crianças e das tentações cada vez maiores que as circundam, a Primária tem dobrado seus esforços para alcançar cada criança, incluindo-se as Primárias do lar, e Primárias especiais para crianças com deficiências físicas e mentais. As aulas são projetadas do mesmo modo que os currículos profissionais das escolas, sendo cada princípio reforçado diversas vezes durante a vida da criança na Primária.

A irmã Shumway, que preside a organização desde 5 de outubro de 1974, ençara o próximo século de progresso da Primária: "A medida que aumenta o número de membros da Igreja", diz ela, "já antecipamos um aumento de matrículas de crianças na Primária, e esperamos fortalecer cada criança com os ensinamentos do evangelho, para que estejam mais bem preparadas para enfrentar os desafios do futuro."

As irmãs aceitaram o desafio do Presidente Kimball, declarado em uma mensagem gravada, em um filme estático dirigido às trabalhadoras da Primária: "O propósito geral da Primária é auxiliar o sacerdócio e apoiar os pais no ensino de seus filhos a orar e a andar em retidão perante o Senhor. Devemos fazer com que as bênçãos da Primária cheguem à vida de cada criança." (Para maiores informações sobre a liderança da irmã Shumway na Primária, veja sua entrevista neste número.)



Naomi M. Shumway



Alicerce para o Futuro

Uma entrevista com
Naomi M. Shumway
Presidente Geral
da Primária,
feita pela
Revista Ensign



Ensign: Acha que o propósito da Primária se modificou desde sua organização? É a Primária hoje uma organização diferentes com o mesmo nome?

Irmã Shumway: É essencialmente a mesma. As necessidades das crianças são ainda as mesmas que eram há cem anos atrás, embora hoje apareçam de formas diferentes. A Primária apenas está hoje em mais lugares e tem mais crianças. E a Primária fortalece-se com o tempo. Há hoje, aproximadamente, quinhentas mil crianças matriculadas, e a média de frequência das estacas é de 68 por cento.

Ensign: A Primária é tão forte em outros países, como é nos Estados Unidos?

Irmã Shumway: Sim! Esta é a parte inspiradora — ver como as ambições de Aurélia Spencer Rogers quanto à Primá-

ria se espalharam por todo o mundo, atingindo a vida de milhares de crianças.

Ensign: O que entende a Primária por necessidades das crianças, e o que faz, na verdade, para satisfazer a tais necessidades?

Irmã Shumway: Acima de tudo, é preciso ensinar o evangelho às crianças, para que, quando advierem as tentações, elas já possuam um alicerce de princípios verdadeiros. Todas as nossas aulas e atividades são planejadas tendo em mente ensinar-lhes o evangelho. Auxiliamos as crianças a prepararem-se para o batismo. Os meninos são preparados para receberem e honrarem o sacerdócio, e todas as crianças, meninos e meninas, são preparados, é claro, para enfrentar as responsabilidades da vida.

A Primária constitui-se, também, em influência duradoura na vida da criança — cria uma âncora espiritual para as ocasiões em que suas necessidades espirituais possam não ser satisfeitas de outra maneira.

Ensign: Qual a natureza da correlação entre a Escola Dominical e a Primária?

Irmã Shumway: As aulas são estreitamente correlacionadas por assunto, uma vez que os livros de lições para ambas as auxiliares foram escritos pelo mesmo comitê, o qual tentou dispor a matéria de maneira que um determinado conceito seja apresentado e ensinado ao mesmo tempo em ambas as classes. Entretanto, isso é feito com o objetivo de reforço mútuo e não de duplicação.

Ensign: Até que ponto a Primária tem atingido seu objetivo de ser um auxílio para o lar?

Irmã Shumway: Oramos para que a Primária seja eficiente nesse sentido. Certamente recebemos cartas maravilhosas dos pais. Certa mãe nos contou acerca da hora em que pôs seu filho para dormir, e após as orações, ele manifestou medo de ladrão. Ela explicou ao filho que não havia o que temer, pois o Pai Celestial, o papai e a polícia estavam todos

cuidando da segurança, e acrescentou: "Além disso, não temos nada assim tão valioso em casa."

"Mas, e o anel de CTR da Cristine?", perguntou ele. "Cristine diz que é a coisa mais valiosa que possui, pois a ajuda a escolher o que é certo."

Ensign: Vamos perguntar algo sobre os não-membros que freqüentam a Primária. Por que meio são eles postos em contato com os missionários?

Irmã Shumway: A Professora da Primária dá o nome da criança não-membro à Presidente, que o leva à reunião do Conselho de Correlação da Ala. É uma decisão do sacerdócio envolver ou não os missionários de estaca ou de tempo integral.

Ensign: As referências da Primária são uma fonte fértil de batismos?

Irmã Shumway: Oh, sim. E também existem algumas histórias comoventes extraídas dessas experiências missionárias com as crianças. Recebi uma carta há poucas semanas atrás, vinda de uma mãe que deixou sua filha ir à "Igreja Mórmon para crianças", com os vizinhos. Eis suas palavras: "Toda quinta-feira, as mães reúnem todas as crianças, num raio de muitas milhas, fossem Mórmons, ou não. Chamavam-nas e mostravam interesse, amor, lealdade, e mais que tudo, importavam-se o suficiente com minha filha para darem-se esse trabalho. Todas as semanas, minha filha chegava a casa com muitas coisas para me contar sobre o Pai Celestial. Dentro de pouco tempo, ficamos impressionados, e pedimos que os missionários nos visitassem... Todo um novo mundo adentrou em nosso lar... Nada mudou tanto a nós ou nossa vida, como aquele dia em que nossa filha entrou correndo em casa e pediu: 'Posso ir à Primária, posso, mamãe, posso?'"

Ensign: Conte-nos um pouco sobre o programa de reverência.

Irmã Shumway: Cremos que somos a única organização auxiliar que possui um programa completo para ensinar reverên-

cia. Reverência é mais que simplesmente ficar quieto. As crianças e líderes aprendem que a reverência é demonstrada através da obediência, humildade, respeito, gratidão e outras virtudes Cristãs. Temos a sincera esperança de que o programa de reverência motive a cada criança, professora e líder a desenvolver e mostrar um verdadeiro espírito de reverência. Queremos tornar a Primária uma experiência espiritual para todas as crianças — e isso significa que devemos torná-la espiritual também para as professoras.

Ensign: Como a Primária prepara os meninos para receberem o sacerdócio?

Irmã Shumway: Esse é o objetivo principal do programa para os meninos de dez e onze anos. Eles recebem notáveis lições sobre o sacerdócio, tais como sobre a restauração do Sacerdócio Aarônico, e os deveres de um diácono. A presidência do quorum dos diáconos visita a classe dos escoteiros Luzeiros para falar aos meninos acerca da importância de sua preparação para o sacerdócio. É uma experiência espiritual, não apenas para os meninos, mas também para os próprios diáconos.

Os meninos são auxiliados em sua preparação para o sacerdócio em todas as aulas da Primária. Se observarmos os requisitos para a formatura da Primária, veremos que o menino aprende a pagar seu dízimo, a orar, a guardar a Palavra de Sabedoria, freqüentar as reuniões Sacramentais, memorizar escrituras e as Regras de Fé, e a fazer genealogia. Eles obtêm uma compreensão do que é o sacerdócio, como foi restaurado, por que e como um rapaz deve honrá-lo. Aprendem também sobre os diferentes ofícios dos sacerdócios Aarônico e de Melquisedeque, e quais serão suas responsabilidades ao se tornarem diáconos.

Existe também uma noite especial chamada "Introdução ao Sacerdócio", realizada em novembro, para cada menino de onze anos, juntamente com seu pai ou padrasto (ou responsável). O propósito desse programa é ajudar os meninos a com-

preenderem e aceitarem o poder do sacerdócio. Temos recebido numerosos relatos sobre pais inativos que participaram dessas reuniões, e ao serem lembrados de suas responsabilidades quanto ao sacerdócio, foram motivados a honrá-lo.

Ensign: Como a Primária pode ajudar os pais que têm filhos com problemas emocionais ou deficiências físicas?

Irmã Shumway: Se existem apenas umas poucas crianças nessas condições em determinada área, incentivamos os pais e líderes da Primária a incluí-los nas Primárias regulares. É uma doce experiência para as outras crianças da classe aprenderem a compartilhar, participar e ajudá-los. As crianças portadoras de defeitos físicos podem ser integradas na Primária na maior parte das áreas do programa. Em algumas regiões, existem membros da Igreja em quantidade, que permite combinar crianças deficientes de duas ou três estacas, para uma pequena Primária de dez ou quinze crianças.

Ensign: Existem diretrizes disponíveis, se alguém quiser iniciar uma Primária especial?

Irmã Shumway: Sim, as instruções estão contidas no Manual da Primária e também em um folheto preparado pela junta geral, que é enviado mediante solicitação. E há muito interesse nisso. Quase todos os dias chega uma carta solicitando informações.

Ensign: Pode explicar o programa da Primária no lar?

Irmã Shumway: A Primária do Lar existe para crianças que vivem em locais que lhes impossibilitam reunir-se com as outras crianças, seja por problemas de locomoção, ou doença, ou outros fatores. A mãe, geralmente, é a líder da Primária, chamada para tal posição pelo bispo ou presidente do Ramo, e trabalha sob a direção da Presidente da Primária. Temos um caso assim em Waldorf e Accoceek, no estado de Maryland, onde havia um núcleo de mem-

bro, mas a distância até a capela era tão grande, que a frequência a uma Primária regular de ala se tornava um verdadeiro problema.

A Presidente da Primária da ala fez com que aquela Primária do lar se sentisse importante. Ela é um conselheiro do bispado encarregado da Primária, faziam freqüentes visitas. Esta pequena Primária foi incluída na apresentação das crianças na reunião sacramental e em outros programas especiais. Já que metade das crianças que freqüentavam não eram membros, esses programas especiais criaram uma oportunidade maravilhosa para se convidar os pais. Não há dúvida de que esta foi a razão por que esse pequeno grupo se tornou um ramo e posteriormente uma ala.

Ensign: Se houvesse uma mensagem para os professores e pais, qual seria a sua?

Irmã Shumway: Que esperamos que eles, como professores, sintam a importância de seu chamado sagrado — ensinar o evangelho de Jesus Cristo às crianças.

As crianças precisam ter uma experiência espiritual cada vez que vêm à Primária — e também precisam de diversão e alegria. Elas devem ansiar pela Primária, e as professoras e líderes podem fazer com que tenham esse sentimento.

Ensign: E uma mensagem aos pais?

Irmã Shumway: Certamente os amamos. E amamos os seus filhos. Por favor, continuem a nos mandar as crianças. Nossa maior preocupação é o crescimento espiritual de seus filhos, e para isso precisamos de vocês. Necessitamos de que vocês escutem seus filhos quando regressem ao lar, vindos da Primária. Necessitamos de que vocês trabalhem como nossos colaboradores, ensinando seus filhos sobre o evangelho. Não há meio de se superestimar o quão importante é seu exemplo para seus filhos.

O futuro repousa sobre tais crianças.

Recomendação Para o Templo

Muitas recomendações estão sendo emitidas pelos Bispos e Presidentes de Ramo, e estes irmãos, após passarem também pela Presidência das Estacas ou Distritos, estão aguardando a época em que poderão fazer suas ordenanças no Templo do Senhor.

E você, o que falta? Lembre-se que é uma decisão sua, ir ou não ir ao Templo. Desde que as exigências estejam cumpridas, procure o seu Bispo ou Presidente de Ramo.

Queremos recordar-lhe que sem a recomendação não será possível adentrar ao Templo. E as entrevistas para recebê-la, quanto mais se aproximar a abertura do Templo, mais sobrecarregados ficarão os Presidentes de Estaca ou Distrito.

Você Apóia as Autoridades?

Em continuação ao estudo das coisas exigidas para recebermos nossas recomendações, vamos ver hoje a importância do apoio às autoridades tanto Gerais como locais.

Há muitos anos atrás o Presidente Penrose, da Primeira Presidência, compareceu a uma reunião sacramental na Ala Richards, em Sat Lake City. Pouco



Vista da parte posterior do Templo de São Paulo

antes de ser iniciada a reunião, o Pres. Penrose dirigiu-se ao púlpito acompanhado pelo Bispo. A meio caminho ele parou, voltou-se para o bispo e perguntou-lhe. "Quem pôs aquela placa ali? A "placa" era um cartaz afixado à frente do púlpito, e dizia: "A ordem é a primeira lei do céu".

O bispo não sabia, mas supunha que a placa havia sido afixada por uma das auxiliares. Nada mais foi dito. Continuaram em direção ao púlpito e a reunião teve início.

Não sabemos sobre qual assunto o Presidente Penrose tencionava falar ao chegar à capela, mas quando se levantou para falar, disse que a ordem não era a primeira lei do céu, mas sim a obediência. Passou os 45 minutos seguintes enfileirando exemplos e citações das escri-

turas para provar a tese. O que nos impressiona neste relato, o ponto principal é que pela obediência a ordem poderia ser estabelecida, e que sem obediência não haveria ordem, mas caos.

Nossa igreja é uma igreja de Revelação e através de nosso Profeta temos hoje, nestes dias (os últimos) um canal constantemente aberto com o Senhor Jesus Cristo nosso Rei e Senhor. E de que adiantará este canal de comunicação funcionando se não obedecermos às instruções vindas através de nosso Profeta e Presidente? Devemos obedecer com todo empenho às Autoridades Gerais e apoiá-las sem restrição, e agir da mesma forma com relação às autoridades locais investidas em suas funções por inspiração e autoridade do Senhor Jesus Cristo.

Todo Homem Digno e Fiel Pode Agora Receber o Sacerdócio

8 de junho de 1978

A Todos os Oficiais Gerais e Locais do Sacerdócio d'A Igreja de
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Todo o Mundo

Caros Irmãos,

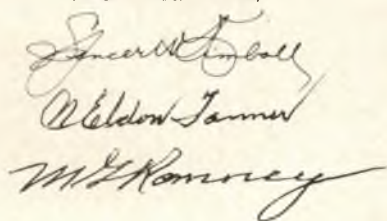
Ao testemunharmos a expansão da obra do Senhor sobre a terra, temos em apreço que os povos de muitas nações responderam à mensagem do evangelho restaurado e se uniram à Igreja em número cada vez maior. Isto, em troca, inspirou-nos com um desejo de estender todos os privilégios e bênçãos que o evangelho possui a todos os membros dignos da Igreja.

Cientes das promessas feitas pelos profetas e presidentes da Igreja que nos precederam de que, a um dado momento, no plano eterno de Deus, todos os nossos irmãos que são dignos poderão receber o sacerdócio, e testemunhando a fidelidade daqueles a quem o sacerdócio foi negado, temos implorado e fervorosamente em favor desses nossos fiéis irmãos, passando muitas horas no Salão Superior do Templo suplicando ao Senhor por orientação divina.

Ele ouviu nossas orações e, por revelação, confirmou que chegou o dia, de há muito prometido, em que todo homem fiel e digno na Igreja pode receber o santo sacerdócio, com poderes para exercer sua autoridade divina e partilhar com seus entes queridos toda bênção que dele deriva, incluindo-se as bênçãos do templo. Portanto, todos os membros dignos do sexo masculino da Igreja podem ser ordenados ao sacerdócio, sem levar em consideração sua raça ou cor. Os líderes do sacerdócio estão instruídos a seguir a diretiva de cuidadosamente entrevistar todos os candidatos à ordenação, tanto ao Sacerdócio Aarônico como ao de Melquisedeque, para assegurarem-se de que seguem os padrões de retidão.

Declaramos com sobriedade que o Senhor tornou agora conhecido o seu desejo de abençoar todos os seus filhos, em toda a terra, que atenderem à voz de seus servos autorizados e que se prepararem para receber toda bênção do evangelho.

Atenciosamente,



A Fé que Existe na Cidade do Cabo, África do Sul

Os céus ensolarados da Cidade do Cabo estavam, naquele dia, escuros, e cheios de nuvens ameaçadoras. “Por que, oh! Por que precisa chover justamente hoje?” pensavam as crianças.

Aquela tarde especial, aguardada pelos meninos e meninas, aquela tarde para a qual se tinham esforçado, havia chegado, e agora parecia que a venda do pão que pretendiam, estaria arruinada pela tempestade. Mas eles sabiam que a “ouma” (vovó) Fourie os esperaria, a despeito do tempo, e assim, todos correram para a capela, debaixo de chuva, para chegarem no horário que ela havia solicitado.

A irmã Ouma saudou-os na sua maneira amorosa habitual e explicou-lhes que a venda teria de ser realizada naquele dia, uma vez que os assados não podiam ser guardados. E disse também que a venda tinha que ser feita ao ar livre, para que as pessoas parassem e comprassem.

“Vamos orar para que a chuva pare”, ordenou, “e sabemos que parará, porque precisamos do dinheiro para continuar a realizar nossa Pri-

mária. Essa é a vontade de nosso Pai Celestial, e, portanto, é claro que nos ajudará.”

Havia tanta certeza na voz da irmã Ouma, que cada criança curvou a cabeça e orou para que a chuva parasse. E todas sabiam que pararia.

E parou!

A chuva que havia caído sem cessar por vários dias, parou quase que instantaneamente. O sol sorriu para as crianças, enquanto carregavam os tabuleiros para fora, e colocavam sobre eles os pães e bolos que haviam trazido. Após uma venda muito bem sucedida, os tabuleiros vazios foram recolhidos para dentro da capela, e a chuva começou de novo e continuou seguidamente pelos próximos três dias.

“Mas o que você faria, irmã Fourie”, perguntou uma obreira da Primária mais tarde, “se a chuva não tivesse parado?”

Esta mulher, que durante trinta e quatro anos contínuos amou e ensinou meninos e meninas na África do Sul, respondeu, meigamente: “Mas todos nós sabíamos que pararia!”

"Fogo! Fogo!"
Este grito de alerta fez com que irrompesse o medo nos corações de todos os que o escutaram, na pequena comunidade de Farmington, Utah, porque a única maneira que tinham para combater o fogo era formar uma fila e passar os baldes d'água de um regato próximo até o edifício em chamas. Como resultado, quase todos os edifícios que se incendiavam eram destruídos e pouquíssimos objetos eram salvos.

Aurélia Spencer Rogers, que viveu em Farmington a maior parte de sua vida, ouviu os gritos de alarma e correu em direção à casa, de onde procediam os ro-



los de fumaça sob o ar cálido de agosto. A casa pertencia a amigos com os quais estava hospedada, após haver alugado sua própria casa naquele verão de

A Amiga das Crianças



1902, e mudado para Salt Lake City, trinta e dois quilômetros ao sul. Entretanto, ela sempre visitava Farmington, para cuidar de alguns negócios, e recolher frutas para o inverno.

Aurélia reuniu-se à brigada dos baldes que se formou quase que instantaneamente. Pensou na perda que seus amigos teriam, antes de pensar em suas próprias roupas e objetos pessoais que também estavam lá. Repentinamente, lembrou-se, com horror, de que seus livros de registros da Primária estavam em um quarto no andar de cima, onde ela estivera trabalhando numa mesa perto de uma janela! Silenciosamente, orou para que algum milagre acontecesse e eles

fossem salvos, mas parecia-lhe que tudo queimava naquela casa.

"Lamentei muito", disse Aurélia posteriormente. "Não me importaria de perder minhas roupas. Queria apenas que os registros fossem salvos."

Aurélia ajudou seus amigos a se mudarem para uma casa vaga e a arrumarem as coisas novamente. Estava muito triste ao retornar para Salt Lake, pois pensava que nada havia sido salvo do incêndio. Sofrendo ainda com a perda dos registros, voltou a Farmington, na semana seguinte, a fim de reunir toda a informação da Primária, para que pudesse escrever outra história.

Notícias do milagre pelo qual ela havia orado aguardavam-na, quando foi visitar o bispo. Eis como descreveu o fato:

"O bispo Moroni Secrist foi movido a subir até o andar superior, durante o incêndio, e passar pela janela do meu quarto, pensando que talvez pudesse salvar alguma coisa; mas, ao entrar, a fumaça estava tão densa, que ele quase foi sufocado, e precisou ser ajudado por outros... Ao chegar perto da janela, estendeu a mão, e pôde sentir a toalha que estava sobre a mesa. Agarrou-a, puxando pelas pontas, trazendo junto os registros... e passou-os para o lado de fora. Assim, foram salvos mediante providência divina.

Esses registros contam a história da primeira Primária realizada, e também como surgiu. Foram usados como base para o li-



vro de Aurélia Spencer Rogers, "Life Sketches" (Capítulos da Vida), que ela mais tarde escreveu para as crianças, dedicando-o a elas com estas palavras:

"Nossas crianças são nossas
[jóias; e muito valiosas.
Que os anjos sempre as
[guardem, para que nenhuma
[se perca."

Foi em março de 1878, que Aurélia pensou pela primeira vez, seriamente, em uma organização para criança, para que os meninos pudessem ser ensinados "em tudo o que é bom, e como se comportarem". Ela desejava desesperadamente ajudá-los e orava para que um meio lhe fosse mostrado. "Parecia que um fogo me queimava por dentro", escreveu ela em sua história.

Umás poucas semanas depois, a irmã Eliza R. Snow foi até Farmington, para reunir-se com a Sociedade de Socorro. Ela, juntamente com a irmã Emmeline B. Wells, que a acompanhava, pararam na casa de Aurélia para uma rápida visita, a caminho da estação, onde tomariam o trem, de volta a Salt Lake. A irmã Rogers conversou acerca de sua preocupação com muitos dos meninos, que ela achava que não estavam sendo educados convenientemente, nem quanto ao evangelho, nem quanto às maneiras, para que pudessem tornar-se bons homens. Perguntou se não poderia haver uma organização que os ajudasse. Pelo que nos diz a história, a irmã Snow ficou calada alguns instantes, e então

disse que seria possível tal coisa, e que ela iria falar com a Primeira Presidência sobre isso."

Naquela época, John Taylor era o presidente do Quorum dos Doze Apóstolos, e o presidente em exercício da Igreja, já que um presidente não havia ainda sido apoiado, desde o falecimento de Brigham Young. A irmã Snow falou com o Presidente Taylor, que discutiu o assunto com os outros membros do Quorum dos Doze, e eles foram inspirados a escrever ao bispo John W. Hess, de Farmington, pedindo-lhe que chamasse algumas mulheres para serem líderes. A irmã Rogers foi escolhida como Presidente. "Até esse período", disse ela, "não haviam sido mencionadas as meninas mas minha idéia era de que a reunião não seria completa sem elas..." E assim foi feito.

Louisa Haight e Helen M. Miller foram escolhidas como conselheiras da nova organização, que seria chamada "Primária", nome sugerido pela irmã Eliza R. Snow. O bispo Hess instou com as irmãs para que visitassem cada casa na área e convidassem as crianças para assistirem, obtendo a permissão dos pais. A irmã Rogers relatou que se matricularam cerca de cento e doze meninos e cento e doze meninas! As crianças, juntamente com todos os membros da ala, foram convidadas a uma reunião pública no domingo, onze de agosto de 1878, quando essas mulheres e outras foram designadas pelo bispo Hess e seus conselheiros para presidirem uma Primária em Farmington.

O bispo Hess ajudava muito, freqüentando a Primária ou delegando a responsabilidade a outros portadores do Sacerdócio. Em carta escrita logo após a organização da primeira Primária, a irmã Snow disse, incentivadora-mente:

"Estou certa de que a inspiração dos céus está dirigindo a irmã, e de que um grande e muito importante movimento está sendo inaugurado para o futuro de Sião... Os anjos e todos os seres santos, especialmente os líderes de Israel, do outro lado do véu, estão profundamente interessados."

Os registros da irmã Rogers, que foram milagrosamente salvos do incêndio, relatam que as crianças foram reunidas na primeira Primária no dia 25 de agosto de 1878. Eis como ela descreveu as Primárias seguintes:

"Quando as crianças compreenderam as razões que motivaram a convocação de suas reuniões, pareceram felizes com o que estava sendo feito por elas. Obediência, fé em Deus, oração, pontualidade e boas maneiras eram assuntos repetidos freqüentemente. Nessas reuniões, toda a associação geralmente tomava parte nos exercícios. As

crianças menores sentavam-se nos bancos da frente, e o restante, de acordo com o tamanho. Na hora adequada, as menores se levantavam e recitavam um versículo ou dois em uníssono, e então se sentavam, e o banco seguinte se levantava, para responder a perguntas sobre a Bíblia. Outra classe cantava um hino; outra repetia pensamentos ou versículos, um de cada vez, e assim por diante.

"... Na primavera seguinte, alugamos um terreno, e a Associação Primária plantou feijões e milho de pipoca, que cresceram junto com o trigo da Sociedade de Socorro, para ser usado durante a época de fome que deverá vir."

Durante este ano (1978), os meninos e meninas nas Primárias do mundo todo irão lembrar-se da primeira Primária realizada e honrarão a memória da irmã Rogers e de outras que a tornaram possível. Dos duzentos e poucos meninos e meninas que foram matriculados em Farmington, Utah, em agosto de 1878, o número de membros desta inspirada organização para meninos e meninas — dirigida por milhares de obreiras dedicadas — chega, hoje, a quase meio milhão.

**"... a inspiração dos céus está
dirigindo a irmã, e de que um grande e
muito importante movimento
está sendo inaugurado para o futuro de Sião..."**

**Os anjos e todos os seres santos,
especialmente os líderes de Israel, do outro lado do véu,
estão profundamente interessados."**



O Clube do Bom Vizinho

Mary S. Divers



José e Cristina haviam terminado o ano letivo havia duas semanas, e as longas férias de verão já pareciam intermináveis.

"O que faremos, Cristina"?, perguntou José. "Já estou cansado de brincar os mesmos velhos jogos e brincadeiras."

"Eu também. Talvez a gente pudesse organizar um clube", sugeriu Cristina.

"Essa é uma boa idéia", concordou José. "Que tipo de clube?"

"Bem", respondeu Cristina, "podíamos ter um clube de trabalho".

"Não gosto de trabalhar", respondeu José. "Não é divertido."

"Mas poderá ser. Tudo depende do tipo de trabalho que você realizar", disse Cristina.

"Como o quê?" perguntou José, curioso.

"Muitas coisas", replicou Cristina.

"Podemos surpreender as pessoas, fazendo coisas boas para elas."

"Isso seria mesmo uma surpresa", riu-se José. E pensou sobre a idéia por um minuto. "Podemos chamá-lo o 'Clube do Bom Vizinho'", sugeriu. "O que faremos em primeiro lugar?"

"Podemos começar aqui em casa. O que precisa ser feito?", perguntou Cristina.

"Eu sei", respondeu José. "Papai quer que as latas de lixo que estão na garagem sejam postas na rua. Posso levá-las, e você poderá varrer a garagem."

"Maravilhoso!" exclamou Cristina.

Naquela noite, durante o jantar, papai disse: "Algo de muito estranho aconteceu hoje. As latas de lixo foram postas na rua e a garagem estava tão limpa, que mal pude reconhecer-la. Mas ainda mais esquisita foi esta nota colocada à porta".



Olhou de modo estranho, mas feliz, enquanto lia: "O Clube do Bom Vizinho passou por aqui." José e Cristina sorriram do outro lado da mesa.

Na manhã seguinte, Bernardo, amigo de José, veio fazer uma visita. Procurava algo para fazer, e então, José e Cristina contaram-lhe sobre o Clube do Bom Vizinho e a respeito do que já haviam feito.

"Grande idéia!" respondeu Bernardo. "Posso ingressar no clube?"

"É claro", replicou José. "Conhece alguém que precise de ajuda?"

"Sim. Vovó ficou acordada a noite inteira com dor de dente, e então minha mãe a levou ao dentista esta manhã, e não teve tempo de lavar a louça, ou arrumar as camas antes de sair", disse Bernardo. Poderíamos ajudá-la. Estará cansada quando regressar."

"Vamos!" gritou Cristina.

Quando a mãe de Bernardo voltou para casa, olhou ao redor, surpresa. "Que maravilha", disse ela. "Posso agora descansar até a hora do jantar. Quem será que fez um serviço tão bom para mim?"

Quando foi à cozinha preparar o jantar, encontrou um bilhete sobre a pia: "O Clube do Bom Vizinho passou por aqui!"

Bernardo sorriu feliz, com o ar de contentamento na face de sua mãe, mas não disse coisa alguma.

"O que podemos fazer hoje, Bernardo?" perguntou José, no dia seguinte.

"Não sei", replicou Bernardo. "Talvez possamos pedir a mais alguém que se junte ao nosso clube, e talvez tenhamos alguma idéia".

"Não podemos pedir à Jane", disse Cristina. "Ela foi operada da garganta."

Então é Jane que precisa de ajuda", disse Bernardo. "Vamos fazer algo por ela".

A tarde, tocou a campainha da casa de Jane. Quando sua mãe atendeu, encontrou uma caixa embrulhada com um bilhete que dizia: O Clube do Bom Vizinho passou por aqui!

"Você recebeu um presente do Clube do Bom Vizinho", disse-lhe a mãe.

"O que é?" perguntou Jane.

"Por que não desembrolha e descobre?", sugeriu a mãe.

"Oh!" disse Jane, ao abrir a caixa. "É um livro de história. Agora tenho algo para fazer até sarar."

Ao se passarem os dias e as semanas, crescia o Clube do Bom Vizinho. Cada novo membro tinha uma idéia para algo secreto a fazer. Não demorou muito tempo até que toda a vizinhança estivesse falando sobre as agradáveis surpresas e os bilhetes do Clube do Bom Vizinho.

O velho senhor Eduardo, que andava apoiado a uma bengala, e não podia abaixar-se, contou ao pai de Bernardo que alguém limpou o seu jardim.

A mãe de Jane disse à mãe de Cristina que sua roupa lavada havia sido recolhida, e dobrada muito bem, antes que caísse uma pesada chuva de verão.

Dona Teresa, que mora sozinha, contou à vizinha que enquanto tirava uma soneca, alguém havia varrido seu terraço e limpo a mobília.

Quando a mãe de Januário chegou do hospital com um novo nenê, havia um belo vaso de flores esperando por ela.

E sempre havia um bilhete que dizia: "O Clube do Bom Vizinho passou por aqui!"

O Clube do Bom Vizinho esteve ocupado durante todo o verão. E antes que se apercebessem, as férias terminaram.

Logo após haverem começado as aulas, a mãe de Jane conversava com o velho senhor Eduardo: "O que será que aconteceu ao Clube do Bom Vizinho?" perguntou ela. "Ninguém teve nenhuma surpresa em uma semana."

O velho senhor Eduardo deu uma piscadela. Ele havia ficado a observar e descobrira o segredo do Clube do Bom Vizinho. Contou-lhe o que vira. "Agora que as crianças estão de volta à escola, não têm tempo para fazerem as coisas de que tanto gostamos durante o verão."

A mãe de Jane contou à mãe de Cristina. Esta à mãe de Januário. E logo, todos já sabiam do segredo do Clube do Bom Vizinho. E todos concordaram que deveriam dizer muito obrigado ao Clube.

Os planos foram feitos secretamente, e no sábado seguinte, à tarde, os membros do clube foram convidados para uma festa na casa do senhor Eduardo.

Após haverem todos chegado, o Sr. Eduardo pediu-lhes que se sentassem. E então saiu da sala. Em alguns minutos retornou, seguido de todos os que haviam sido ajudados durante o verão.

E disseram todos ao mesmo tempo: "Obrigado, Clube do Bom Vizinho!" Os meninos e meninas entreolharam-se surpresos. Foi uma maravilhosa maneira de encerrar um verão feliz.



BATISMO É UM ASSUNTO DE FAMÍLIA

De pé, em meio ao círculo familiar avistando a fonte batismal, olhei nosso netinho Clayton descer timidamente a escada juntamente com seu pai. Erguendo o braço direito em ângulo reto, seu pai proferiu a oração batismal, e então o sepultou na água, que espirrou e produziu o ruído característico à sua volta.

Após o último hino e a oração de encerramento, as famílias das

crianças recém-batizadas deixaram a capela, reverentemente. Mais tarde, ao celebrarmos a ocasião, uma das crianças olhou, por detrás de seu sorvete, e perguntou: "Vovó, você foi batizada em água azul resplendente?"

"Não", eu disse. "Quando fui batizada não nos sentamos em uma sala com cortinas e carpetes, nem com música suave e discursos inspirados. Ninguém tinha

roupas brancas, e não havia os familiares reunidos acima da fonte batismal."

"Conte-nos como foi, vovó." pediram as crianças. E então, contei-lhes a história.

Bem, como vocês sabem, Hurricane era uma cidadezinha pioneira ao sul de Utah, quando eu era pequena. Planejaram meu batismo no canal da cidade, no meu aniversário. Eu estava tão entusiasmada, que mal podia esperar. Então, quatro dias antes de meu aniversário, o canal rompeu-se.

Os fazendeiros ficaram desesperados. Os pomares de pêsségos e os campos de feno ficaram secos. Todos os homens da cidade subiram o rio com picaretas e pás, para consertar a barragem, mas já estava muito arruinada. No dia anterior ao meu aniversário, subi a encosta até o canal, na esperança de ver pelo menos uma poça d'água. Em vez disso, os ventos quentes e secos haviam secado e deixado somente o barro ao fundo, moldando pequenos recôncavos. "Oh, mamãe, que faremos?" perguntei. "Como posso ser batizada, se o canal está seco?"

"Você poderá ir às termas sulfúreas, como fizeram suas irmãs", sugeriu ela.

"Mas os aniversários delas foram no inverno. Estamos sob um calor escaldante!"

Mamãe não queria adiar a data. Já era uma tradição da família, cada uma de nós ser batizada no dia em que completávamos oito anos.

"Vamos ver que outras escolhas você tem", disse mamãe. "Venha comigo."

O bebedouro das vacas ficava do lado de fora do curral, sob uma árvore de damascos, com um buraco na cerca para as vacas enfiarem a cabeça.

"Você poderia ser batizada aqui", disse ela. Olhei aquele bebedouro com todas aquelas plantinhas parasitas, e arrepiei-me de horror. "Você poderá esfregar esse bebedouro com a vassoura, e enchê-lo com água fresca do poço."

"Mas, mamãe..." protestei.

"Se tristeza consertasse o canal, a água já estaria correndo através dele agora", disse ela, abraçando-me.

Ouvi o tio Ren dizer que o Canal estaria consertado ao pôr-do-sol. Então, pouco antes de escurecer, subi a barranca esperando ver o começo da espumosa corrente. Mas o barro estava seco e ainda mais fundo. Com o coração pesaroso, arrastei-me para casa e atirei-me sobre minha cama no pomar pe pêsségos, onde dormíamos, durante o verão. Contemplando o céu à noite, observei as primeiras estrelas que surgiam. "Por favor, Pai Celeste", orei, "ajude os homens a conseguirem encher o canal amanhã."

Não fiquei muito surpresa quando, pouco tempo depois, ouvi o pequeno ruído da água passando pela comporta no alto da barranca, acima de nossa casa. Sentei-me sobre os calcanhares

e escutei. O barulho aumentou até que havia um movimento volumoso de água, batendo nas rochas, e finalmente atravessando o dique abaixo do lugar onde morávamos. O canal havia sido consertado antes do pôr-do-sol, mas a água tinha que correr muitas milhas até chegar à cidade.

"Oh, obrigada, Pai Celestial", sussurrei. Arrumei então meu travesseiro e caí em profundo sono, embalada pela música alegre da água.

Na tarde seguinte, todos os resíduos e a espuma do novo regato haviam desaparecido no canal, e a água corria plácida e livremente. Vesti minha camisola branca, e o tio Ren Spendlove vestiu seu velho camisolão. Mamãe foi conosco até o canal. Sentadas à sombra do cipreste junto

ao rio, estavam minhas amigas e primas, esperando. O tio Ren desceu até a água, e deu-me sua mão. A luz refletia-se no regato, e algumas folhas dos ciprestes vagueavam, como canoas pela sombra. O vento parou, enquanto o tio Ren dizia a oração batismal. Senti o rugir da água em meus ouvidos, e ele me trouxe à tona. Segurou-me até que eu recuperasse a respiração. Quando notei que todos me estavam olhando e sorrindo, senti-me maravilhosamente bem e muito amada.

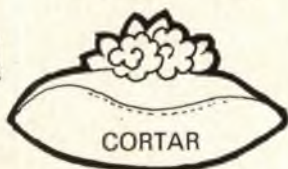
"Mamãe, estou batizada!" exclamei. Estendendo-me a mão, ela puxou-me para seu lado. Ela me dissera que o batismo era uma ordenança sagrada, e quando me abraçou, toda molhada como eu estava, eu sabia, com certeza, que era.





BONECA DE PAPEL

AURÉLIA ROGERS
ORGANIZOU
A PRIMÁRIA EM
AGOSTO DE 1878



Quatro Novas Chamadas Para o Primeiro Quorum dos Setenta

Quatro novas Autoridades Gerais foram chamadas pela Primeira Presidência para servir como membros do Primeiro Quorum dos Setenta.

Esses quatro irmãos foram apoiados durante a primeira sessão da 148.^a Conferência Geral Anual, a 1.^o de abril. Foram chamados os irmãos: Elder Ronald E. Poelman, de 49 anos de idade, um ex-conselheiro da presidência da Estaca de Palo Alto; o Elder Robert L. Backman, de 56 anos de idade, um Representante Regional e antigo presidente geral da AMM-Rapazes; Elder Derek A. Cuthbert, 51 anos de idade, presidente da Missão Escócia-Edimburgo; e Rex C. Reeve Sr., 63 anos de idade, presidente da Missão Califórnia-Anaheim.

Os novos chamados elevam o número total de Autoridades Gerais a 66. O número dos que servem no Primeiro Quorum dos Setenta é agora de 47.

O Elder Poelman, vice-presidente e secretário da Consolidated Freightways, Inc. em São Francisco, Califórnia, serve no momento como professor do curso Doutrina do Evangelho na Ala 3-Los Altos, da Estaca Los Altos-Califórnia. Além de ter servido como conselheiro da presidência da estaca, o Elder Poelman foi bispo, conselheiro de bispado e professor de meio-período no seminário.

Formou-se com distinção pela Universidade de Utah em 1953, em História. Fez parte dos 10% de sua classe que foram considerados os melhores formandos em Advocacia pela Universidade de Utah em 1955. Formou-se pela Escola de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Universidade de Harvard em 1965. Nasceu na Cidade do Lago Salgado a 10 de maio de 1928, filho de Hendrick e Ella May Perkins Poelman. Casou-se com Claire Howell Stoddard a 30 de março de 1950; têm quatro filhos.

Um converso, o Elder Cuthbert foi batizado a 27 de janeiro de 1951, no ramo de Nottingham, Inglaterra. Serviu como superintendente da AMM do ramo de 1951 a 1953 e como presidente do mesmo ramo de 1953-56.

O Presidente Spencer W. Kimball, então um membro do Conselho dos Doze Apóstolos o chamou para presidente da nova estaca de Birmingham a 14 de setembro de 1969. Quando foi chamado para presidente de estaca o Elder Cuthbert servia como primeiro conselheiro na presidência da Missão Britânica Central. Ele foi chamado para presidente da Missão Escócia-Edimburgo em 1975. O Elder Cuthbert foi também um membro da Junta da AMM-Rapazes da Missão, presidente de distrito, membro do sumo

conselho da estaca e serviu em uma missão de estaca e três de distrito.

Formou-se pela Universidade de Nottingham em 1950 e até recentemente trabalhava como gerente comercial de um grupo industrial químico e plástico da Celanese Britânica Ltda. Nasceu a 5 de outubro de 1926 em Nottingham, Inglaterra, filho de Harry e Hilda May Cuthbert. Casou-se com Muriel Olive Mason, também de Nottingham a 12 de maio de 1945. Têm quatro filhos e seis filhas.

O Elder Backman foi chamado para Representante Regional em abril de 1970. Foi desobrigado em julho de 1969 do cargo de presidente da Missão dos Estados do Noroeste tendo sido chamado para a Junta Geral da AMM em agosto de 1969. Foi chamado para servir como presidente geral da AMM-Rapazes em novembro de 1972 e desobrigado mais tarde dessa posição.

Serviu também como conselheiro da presidência da estaca Lago Salgado-Parleys e serviu na junta geral da AMM antes de ser chamado para conselheiro da estaca em 1966. Serviu em um bispado e foi superintendente da AMM-Rapazes e da Escola Dominical da estaca.

Nasceu na Cidade do Lago Salgado a 22 de março de 1922, filho de Le Grand P. e Edith Price Backman. Casou-se com Virginia Pickett, da Cidade do Lago Salgado a 5 de julho de 1941. Têm cinco filhos. Formou-se em

NOTÍCIAS LOCAIS

advocacia pela Universidade de Utah em 1949.

O Elder Reeve foi chamado para servir como presidente da Missão Califórnia-Anaheim em março de 1975. Foi bispo da ala Valley View na Cidade do Lago Salgado, de 1942-47. Serviu três vezes como conselheiro de presidência de estaca: de 1947-1951 na estaca Big Cottonwood; de 1951-58 na estaca Wilford, e de 1958-61 na estaca Valley View.

Formou-se pelo Snow College em 1934 e pelo LDS Business College em

1935. Era um executivo da Meadow Gold Dairies na época do seu chamado para presidente de missão.

Nasceu na Cidade do Lago Salgado a 23 de novembro de 1914, filho de Arthur H. e Mary A. Cropper Reeve. Casou-se com Phyllis Mae Nielson da Cidade do Lago Salgado, a 19 de fevereiro de 1957. Têm sete filhos.

O Elder Cuthbert é a quarta Autoridade Geral a ser chamada da Europa.

O Elder Charles A. Didier, um belga, foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta em ou-

tubro de 1975; o Elder Jacob de Jager, que viveu na Holanda foi chamado para o Quorum em abril de 1976 e o Elder Enzio Busche, de Dortmund, Alemanha, foi chamado para o Quorum em outubro de 1977.

Outras Autoridades Gerais chamadas de lugares fora dos Estados Unidos são: o Elder Adney Y. Komatsu, que nasceu no Havaí, filho de pais japoneses e o Elder Yoshihiko Kikushi, de Tóquio, Japão. O Elder Komatsu foi chamado para o Quorum em abril de 1975 e o Elder Kikuchi em outubro de 1977.

Chamados Dois Novos Representantes Regionais

Os presidentes Saul Messias de Oliveira, da Missão São Paulo Norte e Hélio da Rocha Camargo, da Missão Rio de Janeiro, foram desobrigados em julho último de seu chamado, e designados Representantes Regionais dos Doze. A região de atuação desses líderes ainda não foi definida.

O Presidente Saul Messias de Oliveira, de 47 anos, retornou a sua antiga função de Supervisor de Área Brasileira do Sistema Educacional da Igreja, na qual estava sendo substituído por Harry E. Klein, que também faz parte do SEI. É casado com Elvira Martins C. Oliveira e tem 5 filhos. A família é membro há 19 anos.

O Presidente Hélio da Rocha Camargo, 52 anos, casado com Nair B. da Rocha Camargo, tem 5 filhos e 1 neto. É capitão reformado do Exército e construtor. Depois da desobrigação da missão ele voltou para suas atividades em Resende.

Ambos os Representantes Regionais estão felizes com a nova responsabilidade e sentem-se humildes em poder continuar servindo ao Senhor.

O bosque jazia sob pesado nevoeiro naquele fim de semana. A chuva se filtrava através do ar, e os “camera-men” esperavam pacientemente o momento exato para filmar.

Chovia, e eles oravam. E aí chovia mais. Se os produtores não pudessem completar as filmagens naquela semana, durante a primavera de 1975, o projeto teria de esperar um ano, até que o ambiente estivesse adequado de novo. A estação logo mudaria, e para complicar mais as coisas, o ator principal precisava viajar na sexta-feira. Na segunda-feira pela manhã, a equipe acordou antes do alvorecer e começou a instalar todo o equipamento, imaginando que de alguma forma poderiam compensar o mau tempo. De repente, parou de chover. Quando o sol surgiu, contemplaram a mais linda névoa que já

havam visto. A grama alta e molhada expandia-se, e os pássaros romperam em cânticos, e eles sabiam que haviam sido abençoados com uma beleza que, tecnicamente, seria impossível de produzir.

Naquela manhã, o Departamento de produção Cinematográfica da Brigham Young University começou a filmar as cenas de “A Primeira Visão.” Stewart Petersen, que fez o papel do Profeta Joseph, caminhou por entre a alta grama, tendo em mente aquela outra “... manhã de um lindo e claro dia, nos primeiros dias da primavera de mil oitocentos e vinte...” (Joseph Smith 2: 14), na qual Joseph Smith humildemente orou para obter uma resposta à sua pergunta: “A qual das Igrejas devo unir-me?”

Continua na página 37

Que Manhã Maravilhosa!



1. Após séculos de escuridão e apostasia dos ensinamentos de Cristo, Deus, uma vez mais, resolveu revelar-se à humanidade. A revelação veio em resposta a uma humilde oração feita por um rapaz de quatorze anos, Joseph Smith, no ano de 1820, perto de Palmyra, Nova York.
2. (No ano de meu décimo-quinto aniversário) houve, no lugar onde morávamos, uma agitação anormal sobre questões religiosas... (que)... logo se generalizou entre todas as seitas naquela região do país. (Joseph Smith 2:5.)
3. “Durante esse tempo de grande excitação, minha mente se viu sujeita a sérias reflexões e grande inquietação...” (Joseph Smith 2:8.) “Considerando que todas não podiam estar certas, e que Deus não poderia ser o autor de tanta confusão, determinei-me a investigar o assunto com mais profundidade.” (Carta a Wentworth, parágrafo 3.)
4. “...li um dia, na epístola de Tiago, capítulo primeiro, versículo quinto, o seguinte: ‘Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus’”. (Joseph Smith 2:11.)
5. “Nunca uma passagem de escritura veio com mais poder ao coração do homem como esta, nesse momento,



ao meu. Parecia ter penetrado com grande força em todas as fibras do meu coração.” (Joseph Smith 2: 12.)



6. “Refleti repetidas vezes sobre ela, sabendo que, se qualquer pessoa necessitava de sabedoria de Deus, essa pessoa era eu...” (Joseph Smith 2: 12.)
7. “...de acordo com esta minha resolução de pedir a Deus, retirei-me para um bosque, a fim de realizar o meu intento. Foi na manhã de um lindo e claro dia, nos primeiros dias da primavera de mil oitocentos e vinte. (Joseph Smith 2: 14.)
8. “Depois de haver-me retirado para o lugar que havia escolhido previamente-



te, tendo olhado em meu redor, e encontrando-me só, ajoelhei-me e comecei a oferecer o desejo de meu coração a Deus..." Joseph Smith 2: 15.)

9. "Apenas fizera isto, quando fui subitamente subjugado por uma força que me dominou inteiramente, e seu poder sobre mim era tão assombroso, que me travou a língua, de modo que não pude falar." (Joseph Smith 2:15.)
10. "Intensa escuridão envolveu-me e percebi-me por algum tempo que esti-

vesse destinado a uma destruição repentina." (Joseph Smith 2: 15.)

11. "...no momento exato em que estava prestes a cair em desespero, abandonando-me à destruição... vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que, gradualmente descia até cair sobre mim." (Joseph Smith 2: 15-16.)
12. Logo após esse aparecimento, senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado..." (Joseph Smith 2:17.)
13. Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e



glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar.” (Joseph Smith 2:17.)

14. “Um deles falou-me chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: ‘Este é o meu filho Amado. Ouve-o!’” (Joseph Smith 2: 17.)
15. Ali no sombrio bosque, a mensagem foi dada por Deus. E foi recebida por um rapaz — um menino profeta — nas colinas do norte do Estado de



Nova York. “A qual das Igrejas devo unir-me?” Inquiriu humildemente. A súplica recebeu sua resposta: “A nenhuma delas.” Joseph disse: “foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas. . . (Joseph Smith 2: 19), e ao mesmo tempo recebi uma promessa de que a plenitude do evangelho ser-me-ia dada a conhecer em algum tempo futuro.” (Carta a Wentworth, parágrafo 3.)

16. Novamente os céus se abriram, e um homem falou com a Deidade face a

face, assim como já o haviam feito Adão, Abraão, Moisés, Paulo, e outros. O Pai e o Filho visitaram o menino profeta, ajoelhado em um primitivo bosque, num dia de primavera há mais de cento e cinquenta anos. E através de seu profeta, Joseph, graças à Primeira Visão, e às revelações que se lhe seguiram, o evangelho e a verdadeira igreja de Jesus Cristo foram restaurados à terra em sua plenitude.

Continuação da página 33

"A Primeira Visão é um filme histórico, patrocinado pela Igreja para ser apresentado como auxílio didático e instrumento missionário. O texto segue o próprio relato de Joseph Smith, sobre os eventos acontecidos na primavera de 1820, em Palmyra, Nova York, quando, após ler e ponderar a escritura de Tiago 1:5, decidiu perguntar a Deus qual Igreja era a verdadeira.

A singular beleza daquela primeira manhã foi seguida por uma semana dura de filmagens. Na quinta-feira, o tempo fechou outra vez — mais nuvens e mais chuva. Ao fim do dia, restava ainda uma cena importante que precisava ser rodada — e precisava ser filmada sob sol brilhante. A cena em que Joseph corre para casa, num lindo dia ensolarado. Assim, na sexta-feira, eles instalaram uma plataforma de cinco metros e meio de altura, para suas câmeras, ao centro do campo, entre o bosque e a casa de Joseph. Ofereceram outra oração especial e esperaram. Após o que pareceram horas, as nuvens dissiparam-se. Puseram-se em funcionamento as câmeras. Imediatamente antes de a cena terminar, as nuvens reuniram-se outra vez, e o céu se escureceu. "Foi tudo o que conseguimos", disse David Jacobs, o diretor de produção, "mas foi tudo o que eu precisávamos — esta é a cena com que se inicia o filme."

No relato pessoal de Joseph acerca da Primeira Visão, ele nos conta que, após entrar no bosque e ajoelhar-se para suplicar ao Senhor, sentiu, repentinamente, uma escuridão literal — "... uma força que me dominou inteiramente... poder de algum ser real do mundo invisível..." (Joseph Smith 2: 15-16.) Transferir para o filme a sensação dessa má influência não era fácil tarefa. No avião, enquanto viajava para Nova York na semana anterior, David Jacobs havia estudado algum material de pesquisa sobre um relato da visão escrito por Joseph, recentemente descoberto.

Algumas sentenças saltaram-lhe aos olhos, enquanto lia: Joseph disse: "ouvi um barulho atrás de mim, como se alguém caminhasse em minha direção. Esforcei-me novamente para orar, mas não pude; o barulho de passos parecia estar mais próximo. Ergui-me e olhei ao redor, mas não vi coisa alguma, nem pessoa, que pudesse produzir aquele som de passos." (Citado no artigo de Dean Jesse: "Early accounts of the First Vision", BYU Studies, primavera de 1969, p. 284.)

"Soube de imediato," disse Dave, "que era assim que eu queria apresentar a cena das trevas. Era dramático, era verdadeiro."

Mas a coisa mais difícil foi encenar a figura do Pai e do Filho. Tendo em vista sua natureza sagrada, uma de nossas principais decisões era se mostrávamos ou não a Visão Divina. Uma das Autoridades Gerais mencionou a Jesse Stay (diretor do departamento de produção cinematográfica) que sentia que uma das mensagens mais importantes da Primeira Visão era o fato de que o Pai e o Filho eram seres separados e distintos — contrariamente à abordagem universal da Divindade três-em-um. Tomou-se a decisão: O Pai e o Filho seriam representados no filme.

Fazer um filme para a Igreja, como "A Primeira Visão" é muito diferente da produção de qualquer filme. Cada uma das pessoas envolvidas — os operadores de som, os câmeras, atores, diretores, equipe de guarda-roupa e maquiagem — todos estão devotados a conseguir o sucesso por razões ímpares e altruístas. Eles sabem do impacto missionário em potencial, e sabem dos testemunhos que poderão ser fortalecidos, se o trabalho for feito corretamente. O irmão Jacobs disse: "Haveriam de vir de mim 'na indústria' por dizer isso, mas creio que, se uma pessoa for movida espiritualmente pelo filme, é porque o Senhor abençoou nossos esforços."

BRIGHAM YOUNG

Adaptado de uma série de artigos de Eugene England

Quando Brigham Young faleceu, há cento e um anos, em 29 de agosto de 1877, era o líder de um império de 350 cidades e vilas que floresciam no deserto, e o profeta — o oráculo literal de Deus — para mais de cem mil pessoas. Havia guiado a Igreja através dos dias negros que se seguiram ao martírio do Profeta Joseph Smith e de seu irmão, Hyrum. Brigham havia conduzido o êxodo de milhares de santos numa distância de 2 250 quilômetros, para edificar uma civilização no deserto. Era um grande orador e missionário. Patrocinou o desenvolvimento das artes, fundou universidades e academias, e serviu como governador territorial.

Essas realizações e conquistas do segundo profeta desta dispensação são, em sua maioria, bem conhecidas dos santos dos últimos dias. Menos conhecidas de alguns, talvez, sejam as circunstâncias do começo da vida de Brigham e sua conversão ao mormonismo.

Quando encontrou o mormonismo pela primeira vez, Brigham Young havia ido à escola não mais que onze dias e meio. Em vez disso, sua mãe dera-lhe e aos irmãos, o pouco de instrução que podia, em casa. Ensinou-o a ler, e seu pai lhe ministrava a doutrina da Bíblia.

Os pais de Brigham eram metodistas puritanos devotos. Ele reagia a

sua austera religiosidade nem adotando a religião, nem rejeitando-a completamente. Em vez disso, desenvolveu uma notável independência que o levou a longas e cuidadosas ponderações, antes que assumisse definitivamente compromissos religiosos. Mais tarde, refletiria sobre aquela experiência com visão madura:

“Quando era jovem, fui mantido dentro de limites bem estritos, e não me era permitido mais do que andar uma meia hora no domingo, à guisa de exercício... Não tive oportunidade de dançar, quando jovem, e jamais escutei os encantadores sons de um violino, antes dos onze anos de idade; e quando ouvi, julguei que estaria a caminho do inferno, se me permitisse semelhante coisa. Não sujeitarei meus filhinhos a tal educação antinatural, mas, em vez disso,

A. Pórtico de uma Casa, em Aurelius, Nova York, que Brigham ajudou a construir no começo de 1820.



eles aprenderão a dançar, estudarão música, lerão romances, e farão qualquer coisa que possa expandir sua capacidade, inflamar seu espírito, melhorar seu raciocínio, e fazer com que se sintam livres e desatados, tanto no corpo como na mente.” (Journal of Discourses, 2: 94 — doravante citado como JD.)

Em sua juventude, Brigham aprendeu a economizar e a trabalhar duro. Aprendeu a fabricar cadeiras e pintar edifícios. Quando tinha dezoito anos, Brigham já estava habilitado a dirigir seu próprio negócio. Abriu uma fabriqueta de móveis. Estabeleceu-se como artesão hábil, ainda hoje famoso no oeste do Estado de Nova York pela beleza de suas decorações de escadarias e corrimãos, beirais e batentes, entalhes em portas, entalhes em escadarias, vitrais de madeira para áticos, e lazeiras.

Declarou: Sempre acreditei que tudo o que era digno de se fazer, valia a pena fazer bem feito, e sempre considerei parte integrante de minha religião fazer um trabalho honesto, em que se pode confiar, durável, para aqueles que me contratam, assim como também freqüentar os serviços de adoração a Deus no domingo.”

A procura de uma religião verdadeira foi longa para Brigham. Ele, semelhantemente a Joseph Smith, não se uniu à religião dos pais. Frequentava reuniões de diferentes igrejas e esforçava-se por ser um marido e pai amoroso, dedicado ao trabalho e com elevados princípios morais. Parece claro, entretanto, que Brigham não se satisfazia com uma mera vida de trabalho e rigidez. Ansia-

va por uma realização espiritual e emocional, e por respostas a perturbadoras perguntas sobre o significado da vida. Onde quer que vivesse, unia-se a grupos de buscadores independentes da verdade, da mesma forma que muitos dos primeiros conversos da Igreja Restaurada. O irmão de Brigham, Phineas, era o líder de um desses grupos, e recebeu um dos primeiros exemplares do Livro de Mórmon, por intermédio do irmão do Profeta, Samuel Smith. Sentindo-se responsável perante sua pequena sociedade de busca religiosa por trazer à luz quaisquer coisas “inventadas para fazer perderem-se os homens”, ele o leu com atenção. Mas não pôde encontrar os erros que esperava, e quando apareceu no domingo seguinte, diante do grupo, entre os quais Brigham Young provavelmente estava, ele “não havia falado dez minutos ainda, em defesa do livro, quando o Espírito de Deus veio sobre mim, de forma maravilhosa, e eu falei durante muito tempo sobre a importância de tal obra, citando da Bíblia, inclusive, para apoiar minhas assertivas, e finalmente, encerrei, dizendo aos presentes que acreditava no livro.”

Phineas emprestou seu exemplar do Livro de Mórmon a seu pai, que o julgou “a maior obra que já havia lido”, e então a sua irmã Fanny, que o declarou “uma revelação”. Fanny passou-o então a Brigham, que o recebeu com certa reserva.

“Examinei o assunto com atenção e muito estudo, durante dois anos, até que pudesse satisfazer-me em receber tal livro. . . Eu desejava tempo suficiente para provar todas as coisas por mim mesmo.” (JD 3:91, 8 de agosto de 1852.)

Em outra oportunidade, Brigham explicou essa reserva:

“Na primeira oportunidade, li o Livro de Mórmon, e então procurei conhecer o povo que professava crer nele... Procurei observar para ver se havia um manifesto senso comum; e se é que o tinham, queria que o apresentassem de acordo com as escrituras... quando havia meditado profundamente em minha mente, então o aceitei, e não antes disso.” (JD, 8:38, 6 de abril de 1860.)

Após cerca de um ano e meio, ele finalmente resolveu tomar uma atitude. Foi visitado por um grupo de missionários mórmons, vindos de Columbia, Pensylvania, um dos quais, assentando-se, prestou-lhe seu testemunho:

“Quando vi um homem sem eloquência, sem talentos para falar em público, e que podia apenas dizer: ‘Eu sei, pelo poder do Espírito Santo, que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Joseph Smith é um profeta do Senhor’, o Espírito Santo que procedia daquele indivíduo iluminou minha compreensão, e a luz, a glória e a imortalidade estavam ali, diante de mim. Fui circundado por elas, e cheio delas, fui compelido e levado a saber, por mim mesmo, que o testemunho do homem era verdadeiro... Meu próprio julgamento, minhas aptidões inatas, e meu conhecimento curvaram-se diante desse testemunho simples, porém poderoso... Encheu-me todo de luz, e minha alma regozijou-se.” (JD 1:90, 13 de junho de 1852.)

Brigham foi batizado em Mendon, dia 15 de abril de 1832, num regato atrás de sua carpintaria, pelo mesmo missionário, cujo testemunho o havia influenciado.



B. *Presidente Brigham Young.*

BRIGHAM YOUNG E A EDUCAÇÃO

Educação é uma coisa boa, e abençoado o homem que a possui, e pode usá-la para proclamar o evangelho, sem inchar-se de orgulho. (JD 11: 214.)

Este povo abraçou a filosofia das vidas eternas, e com isto em mente, devemos cessar de ser crianças e passar a ser pensadores, compreendendo nossa própria existência, seu propósito e objetivo íntimo, e então nossos dias não serão mais um vazio por causa da ignorância, mas cada dia trará seu emprego útil e lucrativo. Deus nos colocou aqui, e deu-nos a capacidade que possuímos, entregou-nos os meios pelos quais podemos operar para produzir felicidade social, nacional e eterna. (JD 9: 190.)

Toda arte e ciência conhecida e estudada pelos filhos dos homens encontra-se no evangelho. De onde veio o conhecimento que permitiu ao homem conquistar tantas coisas nas ciências e na mecânica nos últimos

C. Escola Bock, perto de Auburn, Nova York, onde Brigham deve ter feito pregações em 1833.



D. Presidente Brigham Young.

anos? Sabemos que o conhecimento procede de Deus, mas por que eles não o reconhecem? Porque são cegados pelos seus próprios interesses, não vêem e nem compreendem as coisas conforme são. Quem ensinou o homem a usar a eletricidade? Será que o homem, por si só, descobriu? Não, ele recebeu o conhecimento do Ser Supremo. Desse ser procedeu toda a arte e ciência, embora o crédito e as homenagens sejam prestados a este ou àquele. Mas, donde conseguiram o conhecimento? Eles o têm inato? Não, eles devem reconhecer que, se não são capazes de fazer nascer um pé de capim, nem um cabelo branco ou preto, sem ajuda artificial, são dependentes do Ser Supremo da mesma forma que o pobre e o ignorante. De onde recebemos o conhecimento que nos permitiu construir máquinas que economizam trabalho e tempo, e que caracterizam nossa época? Dos Céus. De onde recebemos o conhecimento sobre astronomia, ou o poder de construir lentes

que penetram a imensidão do espaço? Recebemos do mesmo Ser que cedeu conhecimento a Moisés e a outros antes dele; o mesmo Ser que disse a Noé que o mundo se afogaria e as pessoas morreriam. Dele também provém o poder de recebermos uns dos outros, e de pesquisar coisas profundas pertinentes a esta terra e todos os princípios a ela relacionados.” (JD 12: 257.)

A religião abraçada pelos santos dos últimos dias, se compreendida apenas superficialmente, já os move a buscar o conhecimento com diligência. Não há outro povo em existência que seja mais ansioso para ver, ouvir, aprender e entender a verdade. (JD 8:6.)

Não importam suas condições, se em riqueza ou adversidade, você pode aprender através de cada pessoa, ato e circunstância ao seu redor.” (JD 4:287.)

A educação de nossos filhos merece nossa atenção, e também a instrução dos Élderes que falam deste

E. *Acima:*
A praia
do lago Erie,
em Astabula,
Ohio,
onde
Brigham
e Joseph
Young
passaram
uma tarde
durante uma
viagem
missionária.



F. *Abaixo:* Janela embaixo
dos púlpitos triplos seriados,
no templo de Kirtland.
Possivelmente projetada e
provavelmente construída
por Brigham Young.

púlpito. É um assunto que precisa ficar gravado na mente dos pais e da nova geração. (JD 13:262.)

Vejam e cuidem que seus filhos sejam educados adequadamente nos rudimentos de sua língua pátria, e então façam com que avancem nos ramos mais altos do aprendizado; façam com que se tornem bem informados em todos os aspectos da verdade, de modo verdadeiro e útil, mais que seus pais. Quando estiverem bem familiarizados com sua língua, que estudem outras e se tornem bem familiarizados com as maneiras, costumes, leis, governos e literatura de outras nações, povos e línguas, fazendo com que aprendam também toda a verdade pertinente às artes e às ciências, e como aplicá-las às suas necessidades temporais. Que eles estudem as coisas que estão sobre a terra, dentro da terra e nos céus." (JD 8:9.)

Desejo que este povo preste atenção particular à educação de seus

filhos. Se não pudermos fazer mais, devemos proporcionar-lhes as comodidades de uma educação simples, para que, quando nossos filhos forem enviados ao mundo como ministros da salvação e como representantes do Reino de Deus sobre os montes, possam mesclar-se à melhor sociedade, e de maneira inteligível e sensata, apresentem os princípios da verdade ao mundo, pois toda a verdade é primícia do céu, e está incorporada à religião que abraçamos.

Toda realização, todo refinamento, toda conquista útil na matemática, música, e em todas as ciências e artes pertencem aos santos, e eles devem aprimorar-se ao máximo e obter a riqueza do conhecimento que as ciências oferecem a todo estudioso diligente e perseverante. (JD 10:224.)

Nossa educação deve ser tal, que faça progredir nossa mente e nos torne mais úteis no serviço à família humana; para permitir-nos eliminar nossa maneira rude de viver, falar e pensar. (JD 14:83.)

Estou feliz ao ver nossas crianças envolvidas no estudo e prática da música. Que elas sejam educadas em todo ramo útil do aprendizado, pois nós, como povo, temos, no futuro, que exceder as nações da terra na religião, ciência e filosofia...

Que as crianças em nossas escolas recebam ensinamentos sobre tudo o que é necessário com relação à doutrina e princípio, e então, sua prática; e que as mães ensinem suas filhas com relação a si mesmas, e como devem viver e ser boas esposas e mães. Que as irmãs estudem economia, no trabalho e direção de seu lar. (JD 12:122-123.)



H. Acima: Estalagem em Aurelius, Nova York, onde Brigham aprendeu a dançar durante o final de sua adolescência.

I. Centro: Local em que a tradição afirma ter ele encontrado sua primeira esposa, Miriam.

J. Abaixo: Parte da casa em Mendon, Nova York, construída por Brigham para seu pai, John Young, em 1829.



L. À esquerda: O torno que Brigham fez para sua carpintaria, em Mendon, que era movido por roda d'água.

M. À direita: Cadeira clássica que Brigham fabricou em Mendon, Nova York, por volta de 1829, que se encontra agora na casa que construiu para seu pai, John Young.

G. O regato e local da carpintaria construída por Brigham Young, em 1829-30. Ele foi batizado neste local em 15 de abril de 1832.



K. Casa em Haydenville, onde Brigham morou logo após seu casamento.

O Crescimento Mundial da Igreja no Campo da Educação

Uma entrevista
com Joe J. Christensen,
Comissário Associado
de Educação Religiosa



A Liahona: Por que a Igreja tem um programa de Seminários e Institutos?

Irmão Christensen: Em poucas palavras, o propósito do programa de Seminários e Institutos é ajudar o lar, no cultivo e nutrição da natureza divina da juventude da Igreja.

A Liahona: O programa do Seminário e Instituto desenvolveu-se muito rapidamente durante esses primeiros poucos anos em que foi estendido aos países de língua não-inglesa. Poderia dizer-nos algo sobre a extensão de tal crescimento?

Irmão Christensen: A decisão de levar o programa de Seminários e Institutos aos países de língua não-inglesa, foi verdadeiramente inspirada. Em novembro de 1970, o Comitê Educacional da Igreja decidiu que os Seminários e Institutos deveriam existir onde houvesse membros da

Igreja. E deveriam estender-se o mais rapidamente possível. Após considerar os membros da Igreja e a complexidade do programa, decidimos voltar-nos para as áreas de línguas espanhola, portuguesa e alemã da Igreja. Os desafios que se nos apresentavam eram monumentais: traduzir o material didático, encontrar pessoal bilingüe para lecionar nos diversos países, fazer com que o material entrasse e saísse dos diversos países.

O primeiro ano foi uma verdadeira surpresa para nós. Pensávamos que, se na Guatemala, por exemplo, conseguíssemos duzentos alunos matriculados no programa, no primeiro ano, já seria um bom começo. Para surpresa nossa, em três meses, de março a julho de 1971, já tínhamos mais de setecentos e cinquenta alunos. Ainda durante o primeiro ano, em São Paulo, Brasil, mais de novecentos alunos matricularam-se no programa. Argentina e Uruguai tinham um total de setecentos alunos.

O programa já está estabelecido em cinquenta e um países (logo serão cinquenta e cinco), envolvendo dezessete línguas diferentes. Este ano já temos mais de 295 000 alunos matriculados nos Seminários e Institutos de todo o mundo.

A Liahona: Que espécie de programa está disponível através dos Seminários e Institutos?

Irmão Christensen: Onde as condições tornam possível, o Seminário Diário Matutino, reúne os jovens de uma ala ou estaca, durante uma hora, bem cedo de manhã antes de irem à escola regular.

Outro programa básico do Seminário é o Estudo no Lar. Este programa atende as áreas da Igreja onde há poucos membros. Uma das grandes vantagens desse programa é que um estudo formal semanal é realizado, mesmo que haja apenas uma pessoa no ramo. Os alunos estudam em casa, e então, no domingo, ou outro dia da semana, reúnem-se para uma aula.

Um professor chamado em cada ramo ou ala onde opera o programa de estudo

individual no lar, e ele se reúne com aquele grupo e revisa o que os alunos já fizeram. O professor apresenta uma aula inspirada e motivadora além de corrigir materiais, exercícios, ou qualquer outra coisa em que os alunos hajam trabalhado. O aluno volta para casa com novas designações e novos materiais com os quais trabalhar durante a semana seguinte.

Geralmente, o programa de estudo individual no lar tem algo que é chamado o Super-Sábado, uma vez por mês. É quando alunos e professores em um raio de aproximadamente 160 quilômetros, reúnem-se para receber instruções de um professor profissional. E, enquanto os alunos têm suas atividades sob a liderança dos programas das Moças e dos Rapazes, o professor profissional treina os professores para as atividades do mês entrante.

A Liahona: Que tipos de cursos existem para se estudar?

Irmão Christensen: Cursos sobre o Velho Testamento, Novo Testamento, Livro de Mórmon e Doutrina e História da Igreja existem a partir do nível secundário. Existem também para os Institutos cursos como Doutrina e Convênios, Profetas Vivos e seus Ensinamentos, Namoro e Casamento, e Preparação Missionária.

A Liahona: O assunto para o nível secundário é diferente do de nível universitário, ou se trata apenas de uma abordagem diferente?

Irmão Christensen: A ênfase básica em ambos os níveis repousa nas escrituras e em seu contexto histórico. Os adultos recebem uma exposição e um conhecimento mais profundo quanto às escrituras, enquanto as idéias motivadoras, a fim de manter o interesse do aluno, são sempre salientadas em nível secundário.

A Liahona: Qual é a diferença entre o currículo do programa de Sminários e Institutos e o da Escola Dominical?

Irmão Christensen: As diferenças básicas e principais estão no formato e na apresentação das lições. Nas auxiliares da Igreja, os materiais produzidos consti-

tuem-se, geralmente, em diretrizes para o professor ensinar (suplemento do professor). O professor recebe, ali, tudo o de que necessita para ensinar um grupo de alunos. No programa de Seminário, os materiais recebidos pelo aluno durante os dias da semana, envolvem-no em estudo pessoal diário. Assim sendo, o volume de material envolvido no programa de Sminários e Institutos é muito maior.

A Liahona: Quais são alguns dos desafios que você enfrenta?

Irmão Christensen: Manter a qualidade, enquanto se aumenta a quantidade, e fazê-lo de forma eficiente e econômica, é sempre um grande desafio.

Outro desafio importante é ajudar os pais a compreenderem o programa. Incentivamos os pais a visitarem as classes, a conversar com seus filhos, e saber do que está acontecendo. Geralmente, quando os pais tomam conhecimento do programa e seu conteúdo, ficam muito entusiasmados, e fazem um esforço extra para que todos os filhos tenham oportunidade de fazer o curso.

A Liahona: Quais são os cursos para adultos, nos quais os pais podem participar?

Irmão Christensen: Os programas do Instituto objetivam a participação dos adultos. Muitos pais adquirem o guia de auto-instrução, que pode ser conseguido no Departamento de Distribuição. Temos materiais de auto-instrução disponíveis para todos os cursos que ensinamos — o Livro de Mórmon, o Novo Testamento etc. Qualquer adulto que desejar, poderá receber uma educação religiosa, em nível superior, durante a semana.

Temos Institutos de Religião adjacentes a todas as faculdades ou universidades onde tenhamos alunos SUD em número suficiente. Mas temos milhares de adultos que não estão em escolas, ou cujas atividades, mesmo que freqüentem escolas, não lhes permitem freqüentar uma classe de Instituto regular. Se os líderes do sacerdócio estiverem interessados e desejosos de apoiar um programa de estudo in-

dividual, podemos introduzir o programa naquela área, mediante solicitação do líder. Nossa meta é proporcionar a todos uma oportunidade de estudar o evangelho em seu próprio nível.

A Liahona: Que outros benefícios existem para os pais?

Irmão Christensen: Durante todos estes anos de existência do programa de Seminários e Institutos, temos estado preocupados, primeiramente com a população estudantil. Temos agora desenvolvido nossos programas, de modo que incluem uma audiência adulta mais ampla. Existe necessidade de que todos nós estudemos o evangelho e fortaleçamos nosso testemunho.

Nas áreas onde existe uma população adulta em grande maioria convertida à Igreja, vemos maior crescimento individual. Há não muito tempo atrás, eu conversava com um pai, que se havia convertido havia três anos apenas. Ele me disse: "Logo após meu batismo, fui chamado para integrar a presidência da Escola Dominical em meu ramo. Eu realmente não tive oportunidade de estudar o evangelho durante as aulas da Escola Dominical. Meus filhos adolescentes que estão matriculados no programa de Seminário, aprendem muito mais do que eu sei sobre o evangelho." Este pai buscava alguns auxílios adicionais para aprender mais sobre o evangelho, e mais rapidamente. Ele precisava equiparar-se aos filhos em casa. O programa de Seminários e Institutos proporcionou-lhe essa ajuda extra. Essa ajuda é particularmente significativa para os membros que constituem a primeira geração da família a batizar-se na Igreja, mas existe uma verdadeira sede entre as pessoas, nas estacas estabelecidas há muito tempo, de saber mais sobre o evangelho.

A Liahona: Como podem os líderes do sacerdócio ajudar a motivar os jovens a se matricular e apoiarem o programa?

Irmão Christensen: É importante que os líderes do Sistema Educacional da Igreja e do Sacerdócio trabalhem juntos a bem

da educação religiosa dos jovens. Cada líder deve usar seus próprios recursos especiais para auxiliar cada aluno.

Em nível de ala, o bispo é auxiliado por seu secretário executivo. O mesmo ocorre em nível de estaca. O secretário executivo ajuda, assegurando-se de que itens sobre a educação religiosa sejam incluídos na agenda das reuniões do bispo, presidência ou sumo conselho, para que sejam ventilados quaisquer assuntos que necessitem debate e liderança ou fortalecimento eclesiástico.

Precisamos assegurar-nos de que os líderes do sacerdócio compreendem a preocupação que devem ter em promover a idéia da educação religiosa semanal.

O Presidente Kimball, através de sua campanha para "alargarmos nossos passos", tem impressionado muita gente — líderes do sacerdócio, alunos e pais — com sua responsabilidade de estudar o evangelho, e ele vê no programa do Seminário um meio eficiente de fazer com que os jovens sejam instruídos quanto ao evangelho, e ele vê no programa do Seminário um meio eficiente de fazer com que os jovens sejam instruídos quanto ao evangelho e fortaleçam seu testemunho. Quando isto ocorre, os jovens partem em missão.

A Liahona: Qual é o custo do programa para o indivíduo?

Irmão Christensen: Não se paga nada. Há alguns gastos mínimos nas atividades, e os alunos devem comprar alguns dos materiais que recebem, como livros, livros-texto, ou guias de estudo. Essencialmente, tudo o que o aluno paga é o material que recebe, ou benefícios das atividades.

Nosso desejo é que ninguém seja impedido de estudar o evangelho, porque não pode pagar. Queremos que todos, a despeito de sua condição econômico-financeira, tenham a oportunidade de estudar o evangelho. Uma vez que os Santos obtenham o espírito do evangelho, encontrarão meios de proporcionar a seus filhos benefícios adicionais.

A Liahona: Como pode um filho de uma família pobre participar? Vocês fazem exceções?

Irmão Christensen: Nossa esperança é que cada bispo ou presidente de ramo cuide que seus alunos em potencial recebam qualquer ajuda que não puderem prover para si mesmos.

Temos também uma assistência aluno-a-aluno, denominada "Projeto Participação", e muitos alunos têm arrecadado milhares de cruzeiros, que são empregados para ajudar os que não têm outro meio de participar.

A Liahona: Quais são alguns dos benefícios duradouros do programa de Seminários e Institutos?

Irmão Christensen: Tenho observado o crescimento de indivíduos, alas, estacas, e missões, após os alunos haverem frequentado o programa de Seminários e Institutos. Quando o Presidente Augusto Lim, da Estaca de Manilha, Filipinas, foi apoiado como presidente da estaca, afirmou estar temeroso de que sua estaca não continuasse em vigor, por falta de liderança experiente. Em conversa com ele, mais tarde, disse-me: "Vejo agora que temos muitos que passaram pelo programa de Seminários e Institutos que conhecem e podem ensinar o evangelho. Esse programa edificou a liderança de nossa área."

Estive também no escritório do presidente da missão no Peru, há algum tempo atrás, e ele disse: "Não recebemos missionários americanos há cinco meses. Há um ano atrás, tínhamos dois ou três peruanos servindo em missão de tempo integral; temos agora quarenta e cinco e esperamos chegar a cem ao final deste ano."

Muitos dos jovens estão servindo como missionários entre seu próprio povo. No Brasil, por exemplo, mais de cinquenta por cento dos missionários são brasileiros. Conseqüentemente, o índice de conversões é muito maior. Temos boas evidências que mostram o verdadeiro impacto que os Seminários e Institutos têm causado entre os jovens.

Não queremos todo o crédito para nós, é claro. Temos muitos programas na Igreja que ajudam a preparar missionários. E temos um profeta que salienta a necessidade de trabalho missionário. Mas temos algumas pesquisas significativas, nas quais foi perguntado a missionários das diversas partes do mundo: "Qual foi a influência mais importante para motivá-lo a fazer missão?" Uma grande maioria afirma ter sido o estudo do evangelho no Seminário. Se um jovem estuda o evangelho, obtém seu espírito, e então escuta o profeta que lhe diz que deve fazer missão, ele responderá positivamente. Se ele não estudou o evangelho, se não estiver sintonizado com esse tipo de compromisso, o profeta poderá falar durante cento e vinte anos, como Noé, e não conseguirá uma reação positiva. Mas quando você tem um profeta de Deus e uma audiência receptiva, as coisas começam a se transformar.

Fico realmente entusiasmado com o que acontece. Quando a Junta Educacional da Igreja decidiu, em novembro de 1970, que o Sistema deveria ser expandido às áreas de língua não-inglesa, foi realmente uma decisão inspirada. Hoje estamos colhendo os benefícios de sua inspiração e trabalhando diligentemente, para que os benefícios do estudo semanal do evangelho atinjam muitos mais.

O Despertar para a Vida



“**M**udou minha vida. Influenciou-me e muito para tornar-me um missionário.”

“Em meus estudos do curso de História da Igreja, ganhei o testemunho que precisava para ser batizado.”

“Ajudou-me de modo muito positivo, preparando-me para a missão, fortalecendo meu conhecimento e testemunho do evangelho, e mesmo elevando-me o moral, quando precisei.”

Sobre o que conversam esses três missionários chilenos? Sobre o programa de Seminários e Institutos. E seus sentimentos não são os únicos.

Milhares de santos dos últimos dias, jovens e não tão jovens, em todo o mundo, têm tido experiências semelhantes, desde que o Sistema Educacional da Igreja começou a chegar a suas áreas. Nas páginas anteriores, apresentamos uma entrevista com Joe J. Christensen, Comissário Assistente para Assuntos Religiosos. Nessa entrevista, o irmão Christensen conta um pouco da história do programa de Seminários e Institutos, como ele funciona e o que oferece. Mas a história do programa vai além disso, e atinge a vida dos participantes, suas famílias, suas alas e ramos, seus colegas de escola, e muitos outros.

Recentemente, pediu-se a participantes do Seminário e Instituto, formandos, seus pais e os líderes do sacerdócio, que expressassem seus sentimentos acerca do programa. O resultado foi um grosso maço de cartas, de todas as partes do mundo. E embora as línguas fossem tão diversas, como alemão e chinês, o espírito era o mesmo. Vejamos algumas delas.

Do Brasil — “Quando penso em todas as razões que me levaram a aceitar o chamado missionário, e nos fatores que tornaram essa experiência um sucesso, venho à mente a influência enorme que o programa do Seminário teve em minha vida.

Entre todos os ensinamentos ali obtidos, talvez nenhum deles seja de maior significado do que a importância da família.”

Esta influência fortalecedora na família é também sentida por um pai em Lima, Peru, que diz: “A vida de meu filho mudou muito, quando ele começou a frequentar o Seminário, e isso influenciou nosso relacionamento em casa. Sinto-me agora orgulhoso dele. Seu espírito afetou-nos de tal forma, que sinto que o programa do Seminário ajudou a modificar nossa vida em família.”

A participação no programa pode também afetar o relacionamento de um jovem com os outros membros de sua ala ou ramo. Antes de partir em missão, um



jovem da Alemanha escreveu ao seu ex-professor do Seminário: "Sinto-me tão achegado ao ramo. Anseio por estar em todas as reuniões, onde posso encontrar meus irmãos e irmãs... Sinto-me muito bem e muito feliz, e o Seminário contribuiu grandemente para tal sentimento."

O tema mais comum em todas as cartas chegadas dos alunos do Seminário e Instituto é o progresso do conhecimento e testemunho que resulta da participação ativa.

"Frequentar o Seminário aumentou minha espiritualidade e meu conhecimento sobre o Salvador e seu evangelho, o que se tornou o alicerce de minha fé. Agora sou feliz, cheia de convicção e testemunho sobre o evangelho restaurado", diz uma aluna em Taiwan (Formosa).

"Ao estudar o Velho Testamento, aprendi a amar sinceramente e a aplicar as escrituras a minha vida diária", relata um jovem missionário no Brasil. "Ao estudar o Livro de Mórmon, fui capaz de fortalecer meu testemunho, dando-me um grande desejo de prestá-lo àqueles que ainda não conhecem a Igreja. Ao aprender sobre a vida do Salvador no curso do Novo Testamento, descobri o significado de um

verdadeiro companheirismo com meu Salvador."

Os não-membros, também, podem beneficiar-se com o Seminário e o Instituto. Por exemplo, um jovem de Taiwan diz: "Eu era ainda um investigador, quando me matriculei no seminário. Isso aumentou minha fé e testemunho, e deu-me a coragem para batizar-me na Igreja."

Temos também o exemplo de Bárbara, uma garota alemã, na cama de um hospital, sofrendo de moléstia incurável. Ela passava tanto de seu tempo mergulhada no material de estudo do Instituto, que uma das enfermeiras ficou também interessada. Quando Bárbara lhe explicou do que se tratava, a enfermeira adquiriu exemplares do material para si. Bárbara morreu na primavera do ano seguinte, mas a enfermeira batizou-se na Igreja.

Bem, como dissemos, o maço de cartas dos alunos do Seminário e Instituto, e aqueles cuja vida foi atingida é grande, e muitos outros exemplos poderiam ser aqui citados. Mal talvez, tudo seja resumido nesta única sentença, também de um missionário chileno: "Através do programa do Seminário, despertei para a vida."

